

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

CARLEANE DA SILVA COSTA

O EU-LÍRICO CLAMA PELA MORTE EM *CURRAL DE PEIXES*, DE LÊDO
IVO

Delmiro Gouveia
2022

CARLEANE DA SILVA COSTA

O EU-LÍRICO CLAMA PELA MORTE EM *CURRAL DE PEIXES*, DE LÊDO

IVO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL-Campus do Sertão), como requisito final para obtenção do título de licenciado em Letras-Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva.

Delmiro Gouveia
2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

C837e Costa, Carleane da Silva

O eu-lírico clama pela morte em “Curral de Peixes” de Lêdo Ivo / Carleane da Silva Costa. – 2022.
55 f. : il.

Orientação: Márcio Ferreira da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2018.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura alagoana. 3. Eu-lírico. 4. Negatividade. 5. Morte. 6. Poesia. 7. Curral de peixes. 8. Lêdo Ivo. I. Silva, Márcio Ferreira da. II. Título.

CDU: 82-13(813.5)


FICHA DE APROVAÇÃO

Carleane da Silva Costa

O EU-LÍRICO CLAMA PELA MORTE EM “CURRAL DE PEIXES” DE LÊDO IVO

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus do Sertão, como requisito final para a obtenção de licenciatura em Letras- Língua Portuguesa.

Aprovado em 30/05/2022.

Documento assinado digitalmente
 MARCIO FERREIRA DA SILVA
Data: 24/06/2022 11:23:09-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>


Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (UFAL - ORIENTADOR)

Banca examinadora:



Profa. Mestranda Herlanne Nayara do Nascimento Santana

(PROMEL/UFESJ - EXAMINADOR EXTERNO)

Documento assinado digitalmente
 THIAGO TRINDADE MATIAS
Data: 20/06/2022 20:08:37-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Thiago Trindade Matias (UFAL - EXAMINADOR INTERNO)

Dedico a Deus toda a minha fé, senhor que me proporcionou
continuar persistindo no meu sonho.

A minha amada mãe,
dona e senhora do meu ser,
a quem dedico toda forma de amor e afeto.

AGRADECIMENTOS

A toda minha família por acreditarem sempre em mim, por cada palavra de apoio, pelos sorrisos e principalmente por acreditarem em mim quando nem eu mesma acreditava.

Aos meus pais por todo apoio e paciência, por estarem sempre ao meu lado em todos os momentos da minha graduação.

À minha irmã e amada Cláudia Caroline, por nunca dizer não a qualquer pedido meu. Pelos momentos compartilhados durante o nosso processo de graduação.

Aos meus irmãos nas pessoas de José Arnaldo e José Domingos, irmãos que amo.

Meu agradecimento de amor e felicidades ao meu companheiro, amor e amigo Jean Fábio, pessoa que esteve presente em diariamente na minha graduação, aguentando meu mau-humor, minha chatice, enfim só tenho a agradecer-lhe por tudo.

Agradecimento mais que especial ao meu orientador e professor Márcio Ferreira da Silva, ser humano de coração gigantesco, que tive o prazer de conhecer durante minha graduação. Agradeço-lhe por ter toda paciência do mundo durante minha orientação nesta monografia.

Ao NELA-Núcleo de Estudos e Pesquisas em Literatura Alagoana, coordenado pelo Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva, cujos estudos me levaram à pesquisa em literatura no PIBIC/UFAL/FAPEAL/CNPq.

Agradeço aos programas de Iniciação Científica — PIBIC, Programa de Iniciação a Docência — PIBID e ao Residência Pedagógica — RP dos quais eu fui bolsista por me possibilitarem adquirir aporte teórico e prático durante a minha formação acadêmica.

A Deus por cada momento vivido e por ter me proporcionado conhecer amigas maravilhosas na universidade, Jáfia, Valfrida, Vanessa, Raiane, Cleidiane amigas de todas as horas. Amo vocês meninas.

Agradeço a todos que torceram sempre pela minha vitória, em especial ao meu amigo, José Messias, a quem tenho enorme carinho.

O meu leitor não é o que me lê.

É o que me relê (caso exista).

Um autor lido unicamente uma vez não tem leitores,
por mais retumbante que seja o seu sucesso.

Lêdo Ivo.

RESUMO

Esta pesquisa analisa a construção do eu-lírico no livro “**Curral de Peixe**”, de Lêdo Ivo. Objetivando desta maneira analisar o eu-lírico clamando pela presença da morte. Discutindo, portanto, como a tradição da poesia moderna ocupa-se do tema da morte e como esta se apresenta na composição das narrativas poéticas, permitindo que se estabeleça uma ênfase no espaço da negatividade (SILVA, 2015), nos significados simbólicos e nos desdobramentos dos objetos e das coisas. Para alcançar os objetivos propostos utilizou-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e de uma análise de natureza teórico-qualitativa, baseando-se principalmente nos estudos entre poesia e sociedade realizadas por Bosi (1985; 1989) e por estudos teóricos sobre poesia moderna realizados por Baudelaire (2006), Junqueira (2004), Kubler-Ross (1996), Lobo (1987), Muniz (2006), Nóbrega (2011), Octávio Paz (1984) e Silva (2015). Como resultado da pesquisa, a análise em questão mostrou que as narrativas poéticas representam, no aspecto literário, um mundo representado a partir de um tom da estética da morte. No que diz respeito à morte e seu aspecto atemporal, constataram-se elementos descritivos nos poemas, sonetos e textos que estimulam caminhos por premissas da negatividade, transformando o Eu-lírico, personagens e espaço em ideias com tom elegíaco. Assim, a negatividade do significado poético distingue-se também de negação enquanto operação interna ao julgamento (KRISTEVA, 2005).

Palavras-chave: Representação. Morte. Negatividade. Lêdo Ivo.

ABSTRACT

This research analyzes the construction of the lyrical self in the book **Curral de Peixe**, by Lêdo Ivo, whose objective is to analyze the lyrical self claimed by the presence of death. In this way, it is discussed how the tradition of modern poetry deals with the theme of death and how it presents itself in the composition of poetic narratives, allowing an emphasis to be established in the space of negativity (SILVA, 2015), in the symbolic and in the unfolding of objects and things. In order to achieve the objective of this study, bibliographic research and a theoretical-qualitative analysis are used, based mainly on studies between poetry and society carried out by Bosi (1985; 1989) and on theoretical studies on modern poetry carried out by Baudelaire (2006), Junqueira (2004), Kubler-Ross (1996), Lobo (1987), Muniz (2006), Nóbrega (2011), Octávio Paz (1984) and Silva (2015). As a result of the research, the analysis in question showed that the poetic narratives represent, in the literary aspect, a world represented from a tone of the aesthetics of death. With regard to death and its timeless aspect, descriptive elements were found in the poems, sonnets and texts that stimulate paths through premises of negativity, transforming the lyrical self, characters and space into ideas with an elegiac tone. Thus, the negativity of poetic meaning is also distinguished from negation as an internal operation of judgment (KRISTEVA, 2005).

Keywords: Representation. Death. Negativity. Lêdo Ivo.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	11
2. A POESIA E O TEMA DA MORTE NA LITERATURA.....	15
2.1. A poesia moderna (Baudelaire a Carlos Drummond de Andrade)	16
2.2. De Baudelaire, Rimbaud e Drummond para Lêdo Ivo.....	23
3. LÊDO IVO E A <i>GERAÇÃO DE 45</i>	28
3.1. O contraponto com os modernos de 22.....	32
3.2. O culto à tradição literária.....	34
4.CURRAL DE PEIXES E O ENCURREALAMENTO DA MORTE	38
4.1. O poema na negatividade.....	41
4.2. A poesia clama pela morte.....	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS.....	54

1.INTRODUÇÃO

A arte literária é considerada a arte construída de palavras. Desse modo, a obra literária nos oferece instrumentos que devem ser tratados com uma apreciação de quem eleva corpo e espírito, mesmo que estes instrumentos nos proporcionem intenções que resultam na morte e na violência, quando nos referimos, por exemplo, à forma e ao conteúdo. Portanto, a literatura, que ora nos apresenta espaços misteriosos, descentralizados que permeiam o mundo do grotesco e o horror da morte, é também uma expressão artística humana que se desvela com a realidade de um mundo caótico e, muitas vezes, mistura-se com a vida do poeta e sua subjetividade. Através do espaço simbólico dos criadores, que nos fazem acreditar que a literatura é ficção, mas também é realidade, percebemos com a verossimilhança na literatura, que o texto literário surge como sendo fantasioso e realista, ocupando o mesmo espaço.

A literatura é a manifestação das artes e também é a arte das palavras e dos textos verbais. Ao ler textos ficcionais ou não, o sujeito leitor/ouvinte desperta em seu consciente diferentes efeitos de sentido, permitindo abandonar o mundo real e adentrar o mundo da fantasia. Desta forma, viver na contemporaneidade significa fazer parte de uma imensa literatura que ultrapassa os limites da ficção e se completa com a realidade, proporcionando um ar de mistério que provoca nos seres humanos uma sensação de poder e angústia, pois a arte consegue provocar inquietações ao tempo que nos leva a refletir sobre nossos comportamentos por intermédio das construções simbólicas.

A literatura alagoana deve ser lida, relida, conhecida e entendida a luz do excesso, por todos que se dizem apaixonados por uma boa literatura brasileira. Está literatura criada em solos alagoanos é mãe de grandes poetas, como Breno Aciolly, Jorge Cooper, Jorge de Lima, Arriete Vilela, Lêdo Ivo, e entre outros, que adentraram e plantaram raízes na literatura brasileira. Devemos ler o que é produzido por escritores na contemporaneidade alagoana, de maneira a conhecermos com profundidade onde vivemos e a nossa história. Lêdo Ivo é um desses poetas alagoanos que fizeram história na literatura brasileira, enaltecendo sua cidade natal Maceió, esse poeta nos oferece uma obra vasta, fundada na força, na magia, na beleza, nos enigmas e na ambiguidade do fazer poético.

Diante do exposto, a literatura alagoana é genitora de um escritor nutrido pela memória, excesso, transgressão e solidão. De tal modo, Lêdo Ivo (1924 – 2012)¹, que viveu sua infância

¹ Nasceu no dia 18 de fevereiro de 1924, em Maceió (AL). Poeta, contista, cronista, ensaísta, romancista, ficcionista e jornalista brasileiro. Era um homem vário, complexo e inquieto, descendente dos índios caetés. Dono

em solos alagoanos, procurou na obscuridade do espaço da morte a inspiração que lhe foi necessária, esta, com caráter memorialista, para construção de seus versos e textos ficcionais, nos quais o eu-lírico sempre caminha solitário, em busca de um único objetivo, que se concretiza na morte, como sendo algo inevitável ao tempo que é belo e mágico.

De tal maneira que, a literatura alagoana oferece para o mundo o filho, o esposo e pai, aclamado pelos críticos como dono de uma literatura vasta, polifônica de uma personificação enigmática, ou seja, um escritor da solidão, de nome curto e versos longos, diferente de outros escritores alagoanos como, por exemplo, Graciliano Ramos (1892 – 1953), Jorge de Lima (1893 – 1953) e Breno Accioly (1921 – 1966). Lêdo Ivo convida-nos a embarcar por esferas literárias em espaços de representatividade e no espaço da negatividade, tendo a poesia como um elo concomitante com a morte, impossível de ser entendida antes de uma luz do excesso, está com grande carga de poeticidade enigmática.

O contato com a literatura lediana, ocorreu, a princípio, por intermédio dos encontros no grupo de estudos NELA², oferecendo-nos estudos das expressões de arte literária de autoria alagoana na poesia, na narrativa e no drama entre o século XIX à contemporaneidade. Em função de investigações em obras literárias de autores alagoanos, a pesquisa é realizada com reflexões de caráter bibliográfico e teórico-qualitativo, imersos em análises dos estudos de poesia e sociedade, construído pela tradição poética do signo da morte.

Portanto, os objetivos estão voltados para a análise do eu-lírico clamando pela morte na obra **Curral de peixe**, de Lêdo Ivo, discutindo também como a tradição da poesia moderna ocupa-se do tema da morte e como esta se apresenta na composição das narrativas poéticas, permitindo que se estabeleça ênfase no espaço da negatividade e seus significados no mundo contemporâneo.

Dessa forma, de modo a atender os propósitos dessa monografia, dividimos o trabalho em três seções. Na segunda seção, trazemos uma discussão sobre a poesia e o tema da morte na literatura, no qual abordamos a poesia como necessária na contemporaneidade para curar nossas dores, tendo o dom de acalmar nossos corações e nos livrar do caos do mundo, alicerçada pôr

de um lírico elegíaco. Fez parte da geração de 45. Estreou na literatura com o livro de poesia, **As Imaginações** (1944). Em 1947, seu romance de estreia **As Alianças** mereceu o prêmio de Romance da Fundação Graça Aranha. Seu livro de crônicas **"A Cidade e os Dias"** (1957), foi atribuído o prêmio Carlos de Laet, da Academia Brasileira de Letras. Publicou ainda entre outras obras: **Ninhos de Cobra**, **A Noite Misteriosa**, **Ode ao Crepúsculo**, **Confissões de um Poeta** e **Curral de Peixe**, este sendo o objeto de nossa monografia. Faleceu em 23 de dezembro de 2012, em Sevilha, Espanha.

² *Núcleo de Estudo e Pesquisa em Literatura Alagoana*, com registro no CNPq (dgp. Br./dgp/espelho grupo/1 759 052 369 083 602), é um GT formado em 2013 na UFAL-Campus Sertão sob coordenação do Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva. O núcleo estuda principalmente a literatura alagoana nas áreas de pesquisa que compreendem poesia, espaço poético, romance, narrativas, ligados à linha de pesquisa literatura, cultura e sociedade.

os estudos de Lobo (1987), o qual vê a poesia como tendo o dom de transformar tudo em encanto. De tal modo, a poesia com suas representatividades e significações consegue tornar belo o horrendo e o angustiante. Como seres humanos sempre tememos a morte, como versou Muniz (2006), em seu estudo sobre a morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais.

Posteriormente, junto a Lêdo Ivo, trazemos outros poetas dos quais o poeta bebeu de suas fontes, como Baudelaire e Rimbaud e Carlos Drummond de Andrade. Octávio Paz (1984) nos oferece apoio para compreendermos a poesia moderna. Bosi (1985, p. 409) afirma que “a contemporaneidade como sendo uma realidade econômica, social, política e cultural que se estrutura depois de 1930”. Para finalizar o capítulo abrimos a discussão sobre a poesia de Lêdo Ivo, intermediada por Nóbrega (2011), que através de seus estudos sobre literatura do poeta Ivo, nos ajuda a entender a poesia Lediana sobre duas direções poéticas: poesia como tradição e poesia como diálogo.

Dando continuidade, na seção três, abordamos Lêdo Ivo e a *Geração de 45*, tendo como aporte os estudos nos livros **Acontecimentos do soneto** (1946), **Ode e Elegia** (1944 – 1945), nos quais evidenciamos uma temática de solidão de um poeta que está sempre caminhando em um bosque, amante do soneto e dos versos longos. Em 45, o poeta vai dialogar com poetas contemporâneos de seu tempo, a exemplo de Drummond (2000), Graciliano Ramos (1955), Guimarães Rosa (2001), Clarice Lispector (1998) e João Cabral de Melo Neto (2010). Nessa geração a arte é entendida como uma arte preocupada não só com a palavra e a forma, porém com o universal. Para ajudarmos no estudo da poesia Lediana em 45, tem-se o aporte teórico de Bosi (1985), Lafetá (2000), Silva (2015), Saldanha (2011) e Junqueira (2004), este afirma ser Lêdo Ivo um lírico elegíaco, pois sua poesia foge dos paradigmas da poesia pura, que enaltece o universo por versos sinuosos. Diante disso, concluímos a seção com discussões ancoradas no livro **Curral de peixe**, objeto de nossa pesquisa, cuja temática da morte é mais atenuada, sendo a morte a busca incansável do poeta alagoano, dialogando com os estudos de T.S. Eliot (1888; 1965) e Silva (2015), nos quais se tem um poeta pautado na tradição moderna, lançando mão da tradição passada.

Na seção quatro, analisaremos o livro objeto de nossa pesquisa, o encurralamento da morte, do espaço da negatividade e do clamor da poesia pela morte. Desse modo, exploramos o espaço da negatividade e da morte em toda a extensão do livro, de modo que a morte é entendida como transcendência e a noite é o momento dos acontecimentos e da contemplação da morte. Em vista disso, utilizamos as contribuições de Nóbrega (2011), Mano (2006), Kristeva (2005), Muniz (2006), Silva (2015) e Damantta (1997, p.133) a qual afirma que “a

morte é um problema filosófico e existencial moderno”, ou seja, o poeta moderno tem a necessidade de mostrar o caos e que, portanto, o poeta alagoano Lêdo Ivo, recorre à negatividade para dizer que já não se reconhece pertencente a lugar nenhum.

A definição de ser Lêdo Ivo um poeta geográfico, no entendimento de Silva (2015), nos dá a visão de o poeta aportar em qualquer porto.

2. A POESIA E O TEMA DA MORTE NA LITERATURA

Por milênios, a poesia tem sido usada para expressar os mais variados sentimentos. No entanto, é no desconforto do mundo contemporâneo que encontramos na poesia o consolo necessário para curar nossas dores; o conforto de ler em um verso o que gostaríamos de ouvir de alguém pela qual alimentamos uma paixão, um abraço aconchegante, uma poesia que nos arranca suspiros. Na verdade, podemos dizer que conseguimos enxergarmos a imagem do ser amado na poesia, ou seja, a poesia tem um dom de acalmar nossos corações e nos livrar do caos do mundo. Lobo (1987) nos diz que a poesia tem o dom de transformar tudo em encanto:

A poesia transforma tudo em encanto; exalta a beleza do que é mais belo e acrescenta beleza ao que houver de mais deformado; combina júbilo e terror, tristeza e prazer, eternidade e mudança; subjuga à união, sob seu mando domínio, todas as coisas inconciliáveis. Transmuda tudo em que toca, e todas as formas que movem no resplendor da sua presença se transformam por maravilhosa simpatia em uma encarnação do espírito que dela emana; sua secreta alquimia transforma em ouro potável as águas venenosas que da morte fluem pela vida, arrebatando o véu, da familiaridade do mundo e revelando a beleza nua e adormecida, que é o espírito de suas formas (LOBO, 1987, p. 241).

De tal maneira que as imagens que se configuram na poesia fazem com que ela tenha imensas significações, sendo, portanto, capaz de imortalizar tudo que há de superior no mundo e tudo o que seja belo. É na poesia que também compreendemos o sentido do belo artístico, enxergamos a beleza onde mais ninguém consegue enxergar. Entretanto, é na obscuridade da poesia moderna que se compreende o espaço caótico do mundo moderno, e é nessa obscuridade que encontramos uma poesia cheia de sugestividades, onde o homem moderno enquanto leitor, busca decifrar/decodificar os enigmas do fazer poético.

A poesia de Lêdo Ivo tem elo concomitante com a morte. “Pensar a morte é introduzir no pensamento a desintegração supremamente duvidosa do não certo” (BLANCHOT, 2011, p. 99). Para alguns pesquisadores, o mistério da morte é um enigma por uma perfeição. Para Muniz (2006), o que ocorre é que como seres humanos sempre tememos a morte. Esse medo pelo inevitável ultrapassou os limites da realidade e introduziu-se no mundo da ficção.

Na obra de Shakespeare, por exemplo, como pensar em um leitor que não derramaria lágrimas com o fim trágico dos apaixonados Romeu e Julieta? Ou quem não sentiu dor ao ler e até mesmo ao assistir **Vidas Secas** de Graciliano Ramos (1972), que, ao representar a seca no sertão, o faz de maneira sublime, através da família de Fabiano fugindo da seca e da fome, que leitor não se compadece com o sofrimento da cachorra baleia ao sonhar com preás numa alusão

da morte. Ou ainda, em **Angústia**, quando pensamos em quantos leitores não se constataram no sofrimento de amor e ódio de Luís da Silva, quando descobre que Marina, sua amada, está tendo um caso com outro. Em relação à morte na literatura, temos a partir daí uma personagem que traça um plano de morte para o amante de sua amada, o que também acaba sendo seu fim trágico. Comete um crime e de tanto se contorcer de remorso acaba tendo o encontro indesejável com a morte.

Muitos autores entendem que a temática da morte é perceptível em todas as sociedades. E que mesmo a morte tendo uma ambiguidade ela não representa unicamente a maldição. A morte pode representar um momento catártico.

A morte faz o homem lembrar que as capacidades humanas em relação ao universo natural são limitadas. Uma nova imagem da morte se formou em nossa época; a morte é escondida e silenciada. Por ser entendida como feia e suja, foi banida do espaço familiar para as instituições hospitalares e para o cemitério (MUNIZ, 2006, p. 160).

A morte na literatura é representada através do caótico, do sofrimento e está ligada a três espaços geográficos: o cemitério, a hospitais e a religião. Nos cemitérios têm-se as sepulturas as quais simbolizam a morte e, ao mesmo tempo, o sofrimento, como imagem do inevitável, do fim derradeiro do ser humano. Os hospitais representam um elo com a cura e alívio da dor, mas também representa a solidão, pois os pacientes são retirados do convívio com suas famílias para viverem em leitos hospitalares onde muitas vezes ficam impossibilitados do convívio familiar e por vezes acabam sendo esquecidos a espera do inevitável.

No espaço religioso era onde a família e até mesmo o paciente buscava o consolo e o alívio para suas dores. No entanto, esse espaço vem se tornando cada vez mais distante, pois buscam agora o alívio para suas dores em analgésicos e calmantes. “O homem não se pode manter sempre em contradição. Não pode fingir estar continuamente a salvo. Se não podemos negar a morte, pelo menos podemos tentar dominá-la” (KUBLER-ROSS, 1996, p. 24). Na ficção os autores mostram não apenas o lado tenebroso e obscuro da morte, mas também seu lado belo e imaginário.

2.1. A poesia moderna (Baudelaire a Carlos Drummond de Andrade)

Para Octávio Paz (1984, p.18), o moderno é a tradição que se deu por constantes rupturas.

A modernidade é uma tradição polêmica e que desaloga a tradição imperante, qualquer que seja; porém desaloja-a para um instante após ceder lugar a outra

tradição que, por sua vez, é outra manifestação momentânea da atualidade. A modernidade nunca é ela mesma: é sempre outra. O moderno não é caracterizado unicamente por sua novidade, mas por sua heterogeneidade. Tradição heterogênea ou do heterogêneo, a modernidade está condenada à pluralidade: a antiga tradição era sempre a mesma, a moderna é sempre diferente.

Na verdade, o moderno é a afirmação do futuro e a negação do passado. Sendo a afirmação do futuro o moderno é caracterizado como sendo algo diferente, e esse diferente é a negação e a ruptura. De modo geral o modernismo é cronológico no sentido que remete a datas, períodos e séculos, ao tempo que se faz estético no sentido do discurso, no processo criativo que passa agora a ser mais livre no contexto sócio-histórico, ideológico, ético, político e cultural.

Os autores começam a questionar o porquê de certos acontecimentos, passam a denunciar as desigualdades sociais existentes na sociedade, escrevem sobre as mazelas de um povo, sobre as injustiças, escrevem sobre o cotidiano. Segundo Baudelaire (2006, p. 859), “a modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”.

A poesia moderna é aquela que acorrenta o poeta a sua vida, a qual não se pode jamais fazer uma renúncia, pois o poeta moderno está acorrentado em uma determinada vida, a um tempo cronológico onde tem a necessidade de enfrentar o seu sofrimento e o sofrimento do outro, porque esse mesmo poeta entende ser necessário denunciar as contradições e desigualdades sociais. Com essa nova postura introduzem-se as obras poéticas literárias modernas a preocupação com o social, com temas engajadores nos quais não arrisca perder a beleza artística do fazer poético.

A existência de possibilidades estéticas com novas temáticas significativas em relação ao modo clássico, são presenças marcantes da lírica moderna. Nessas possibilidades estéticas existentes na poesia moderna, se incorporam temas polêmicos que configuram a tradição como costume de temas de seres humanos fragmentados e humanizados. Na estética dessa nova poesia irá se criar uma organização do verso tradicional, têm-se um novo padrão rítmico, possuindo agora uma nova e maior liberdade no processo de criação.

Dessa forma, os modernistas rompem com a primeira geração, não há uma ruptura imediata, como resultado dessa não ruptura imediata é a poesia de Carlos Drummond de Andrade, que inicialmente era carregada de humor e ironia. Poeta que carregava no peito o sentimento do mundo, que fez uma investigação minuciosa sobre temas ligados ao cotidiano.

Ligado ao movimento modernista de 30 é considerado o maior poeta brasileiro do século XX. Para Bosi (1985), o moderno em Drummond se dá quando o poeta faz o livro **Algumas Poesias**:

Na verdade, desde *Alguma Poesia* foi pelo prosaico, pelo irônico, pelo anti-retórico que Drummond se afirmou como poeta congenialmente moderno. O rigor da sua fala madura, lastreada na recusa e na contenção, assim como o fizera homem de esperança no momento participante de *A Rosa do Povo*, o faz agora homem de um tempo retificado até à medula pela dificuldade de transcender a crise de sentido e de valor que rói a nossa época, apanhando indiscriminadamente as velhas elites, a burguesia afluyente, as massas (BOSI, 1985, p.498 – Grifo do Autor).

A poesia drummondiana é radical, com consciência sensível e bastante sentimental, contendo versos livres privilegiava o ritmo próprio. Poeta que escrevia sobre temas do cotidiano ligados ao amor, amizade, guerra, da realidade, muitas vezes ao falar desses temas acabava se utilizando da negatividade, do existencialismo, do esvaziamento do sujeito moderno e da ausência de sentimento.

A fase mais emblemática da poesia drummondiana é quando ela tem uma função social onde o poeta vai escrever sobre as agruras da Segunda Guerra Mundial, a poesia **Sentimentos do mundo** (1940), escrita em um momento de guerra e no qual o poeta está sofrendo com uma crise de existência e se acha maior que o mundo. Escreve sobre isolamento, problemas existenciais, utilizando-se da ironia e do sarcasmo seco para se referir a acontecimentos do cotidiano, das atrocidades da guerra, o poeta faz sua escrita ainda com riquíssimos do passado. Pois, a ironia e o sarcasmo são características da primeira geração, da qual o poeta se distanciou buscando sair do seu lugar de conforto para olhar para o outro, sentir a dor do outro. Lê-se na 3.^a estrofe:

Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior as fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.

Percebe-se aqui um distanciamento, uma negação por parte do poeta ao acontecimento daquela época, o poeta está em uma constante negação, o mundo e o problema da sociedade não lhe comovem. Contudo, é nesse mesmo tempo de guerra que teremos um Drummond mais engajado, mais militante com os problemas da sociedade. Na estrofe da poesia acima, já é

possível notar que a escrita da poesia modernista sofre mudanças significativas, que o poeta modernista já tem uma escrita livre.

Então, pensar sobre a poesia moderna é pensar em rupturas, liberdade de escrita, conflito existencial, é fazer questionamentos sobre si e sobre o outro, questionar determinados acontecimentos. É romper com influências do passado, mas ainda sim é preciso fazer uma releitura que reverbera o passado. A poesia moderna de Baudelaire tem essa ruptura, essa liberdade de escrita, o poeta vai se mostrar indignado com os acontecimentos na sociedade da época. Estando sua poesia moderna voltada para o espaço urbano.

Baudelaire vai mostrar aos seus leitores as consequências do modernismo para com a sociedade, mostra em seus escritos as mazelas das ruas, fazendo deste modo uma crítica a instituição da época. Pois, escreve sobre as dores, o sofrimento, as desigualdades de uma comunidade em meio ao caos do desenvolvimento tecnológico e da globalização do meio urbano. Escreve ainda sobre a ilusão que é a cidade e a esperança de uma vida melhor. Descreve com perfeição os desejos, os anseios e as decepções da humanidade.

Vários pesquisadores afirmam que o modernismo em Baudelaire é a edificação de nossas relações com o passado. No qual o poeta se encontra em constante processo de trânsito, ou seja, vivem transitoriamente entre passado e presente, passado e futuro. A obra **As flores do mal**, de Baudelaire (2002), podemos entendê-la como sendo o símbolo mais pragmático de um novo fazer poético. O poeta francês não foi o primeiro poeta a subverter o que era belo e feio, mas foi o primeiro a edificar a combinação como pensamento da vivência estética do seu tempo.

A Beleza

Eu sou bela, ó mortais! Como um sonho de pedra,
E meu seio, onde todos vêm buscar a dor,
É feito para ao poeta inspirar esse amor
Mudo e eterno que no ermo da matéria medra,

No azul, qual uma esfinge, eu reino indecifrada;
Conjugo o valor do cisne a um coração de neve;
Odeio o movimento e a linha que o descreve,
E nunca choro nem jamais sorrio a nada.

Os poetas, diante de meus gestos de eloquência,
Aos das estátuas mais altivas semelhantes,
Terminarão seus dias sob o pó da ciência;

Pois, que disponha, para tais dóceis amantes,

De um puro espelho que idealiza a realidade:
O olhar, meu largo olhar de eterna claridade!
(BAUDELAIRE, 2002, p. 11)

O soneto descreve com perfeição sobre o viver e o morrer em meio ao caos da globalização. No referido poema intitulado de “A Beleza”, percebemos que o poeta segue a métrica e o ritmo do fazer poético, com um poema dividido em quatro estrofes, das quais duas são compostas de quatro versos e as outras duas estrofes compostas de três versos. Os quais tem um ritmo de ABBA, CDDC, EFE, FGG, intensificando deste modo o fazer poético da pré-modernidade. Mas mesmo o poema seguindo a regra do fazer poético da época, o poeta aproveita para tecer críticas à sociedade da época e aos desejos e ilusões do sujeito de uma sociedade em meio às transformações.

Ainda na obra de Baudelaire, podemos notar a forma sarcástica e irônica como o ser humano vai lidar com o processo de transformação da sociedade. Ocorre por parte do poeta uma repulsa, uma negação pelas dores e pelas mazelas do outro, enquanto vai existir uma compaixão, ou seja, o "eu", vai se compadecer diante das dores do “outro”, diante de tantas injustiças e desigualdades. O eu lírico já não mais aceita a negação, as injustiças da sociedade e passa a questionar e a denunciar.

Pensar o moderno como sendo a reorganização e liberdade de expressão, implicará em compreender como é essencial e necessário na contemporaneidade a presença do grotesco na construção do fazer poético, e nada é fixo, tudo se esvai entre os dedos. Sendo o grotesco algo necessário na poesia moderna, pois é por meio do grotesco que o sujeito vai deixar fluir o seu lado humano, mesmo que esse lado humano seja carregado de crueldade e da marginalidade de uma sociedade.

O grotesco esconde-se na obscuridade, no tenebroso, no que provoca o medo, o caos. Sendo por intermédio desse grotesco e dessa obscuridade predominante na modernidade que o poeta consegue capturar e mostrar aos leitores mais atentos a beleza que existe no caos, no sofrimento e não a beleza exterior, mais a beleza interior dos objetos, dos acontecimentos, das pessoas e do meio em que está inserido.

Na poesia moderna, o efeito do herói moderno mediante o homem comum, a junção da oralidade, a escolha dos versos livres e a criação de ritmos mais repentinos e a exatidão das suas representações são regras da nova poesia moderna. De modo que ao lermos a poesia moderna de Carlos Drummond de Andrade, nos deparamos com muitas das expressões e ideias do poeta Baudelaire, pois ambos refletem sobre uma subjetividade que é necessária aos poetas

para poderem falar do obscuro e das mazelas do mundo moderno, mas também da sociedade em que está inserido.

Baudelaire faz críticas a sociedade da época, mostrando por imagens poéticas as dores e as mudanças que o espaço urbano sofreu com a modernização. No modernismo brasileiro, o poema de *Mãos dadas* drummondiano pode-se ver, por exemplo, riquíssimo baudelaireano, cujo poema moderno é uma expressão da poesia do século XX, mas já abandona a métrica e o ritmo da poesia parnasiana e simbolista do século XIX.

Não serei poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não darei os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,

não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes.
A vida presente.

(ANDRADE, 2000, p. 118)

Percebe-se na primeira estrofe que ao recorrer ao Eu-lírico o poeta não quer viver ou pertencer num “mundo caduco”, ou seja, se recusa a viver do passado, é perceptível quando no verso ele diz: “Não serei o poeta de um mundo caduco”, para essa afirmativa faz uso do verbo ser no modo indicativo do futuro do presente, “serei”, nota-se que o poeta está vivendo o presente ao tempo que se nega a viver no futuro: “também não cantarei ao mundo futuro”, recorrendo ao verbo cantarei, anteposto de uma negação, não cantarei, tendo-se assim, um verbo do indicativo do futuro imperfeito. Percebemos nesse poema a verdadeira poesia de Drummond, pois ele era um poeta da metapoesia e de uma linguagem intensa, brincava com jogos verbais, com as palavras de modo a criar e reinventar as possibilidades poéticas.

No poema mencionado *Mãos dadas*, o eu-lírico demonstra temer o passado caduco e o mundo futuro, pois diz que está preso: “estou preso à vida e olho meus companheiros”, percebemos nesse verso que o poeta se diz estar de olho no que é realidade e em tudo que acontece ao seu redor e se mostra preocupado com o outro.

Quando o eu-lírico usa a palavra “preso” no sentido de prender, utiliza-se desse verbo no indicativo do presente, ficando claro que o poeta Carlos Drummond de Andrade, é um desses

poetas que estão “presos a vida” que suas poesias escrevem sobre desigualdades sociais, que faz críticas a sociedade da época. Nos últimos três versos da primeira estrofe do poema *Mãos dadas*, é notória essa preocupação com o outro, “estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças”, que mesmo seus companheiros estando num estado de melancolia pelos acontecimentos da época, ainda se nota neles a esperança de tempos melhores, onde todos terão um lugar ao pôr do sol.

O autor supracitado também se mostra preocupado com as desigualdades, “Entre eles, considero a enorme realidade”. Nesse verso o poeta faz entender que todos são iguais e pertencem a um tempo cronológico e ideológico. Preocupa-se em afirmar que o importante é o presente, pois segundo o poeta “o presente é tão grande, não nos afastemos”, e com o social “não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”. Nesse verso é possível perceber que o eu-lírico, mostra-se ser um sujeito humanizado que se compadece diante do silêncio do outro, das suas melancolias, das suas dores e tristezas. Era assim que Drummond, se mostrava em suas escritas, um ser ligado ao seu tempo que se preocupava com o outro, com os acontecimentos da sociedade e do cotidiano.

Na última estrofe do poema, o eu-lírico recorre a verbos no futuro imperfeito e no indicativo do futuro do presente, para indicar que não sucumbirá aos encantamentos e desejos da sociedade daquele tempo. Demonstrando desprezo aos acontecimentos que o impedissem de ver além do seu tempo, acontecimentos que não contribuíssem em nada em sua vida e que não lhe oferecesse o prazer de se compadecer diante das dores alheias. No antepenúltimo e no último verso o poeta diz que: “o tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes” / “A vida presente”. É o que realmente importa ao poeta, é o hoje, mais com uma visão do futuro. Não é preciso esquecer o passado e nem que existe o futuro. Mas como já dizia Baudelaire (2006):

O passado é interessante não somente pela beleza que dele souberam extrair os artistas para os quais ele era o presente, mas igualmente como passado, por seu valor histórico. O mesmo ocorre com o presente. O prazer que obtemos com a representação do presente deve-se não apenas à beleza de que ele pode estar revestido, mas também à sua qualidade essencial de presente. (BAUDELAIRE, 2006, p. 851)

Em Baudelaire percebemos que não é apenas os poetas modernos que precisam estar ligados ao presente para dele obter sua beleza, como também os artistas do passado um dia o fizeram da mesma maneira. Portanto, precisamos entender como seres da contemporaneidade que não é apenas a beleza que interessa mais o presente que consegue produzi-la. Por

consequência a modernidade é compreendida como sendo a busca pelo atual, a busca por um olhar capaz de percebê-la na sua apresentação passageira. “Somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural que se estrutura depois de 1930” (BOSI, 1985, p. 428).

2.2 De Baudelaire, Rimbaud e Drummond para Lêdo Ivo

Ivo foi um poeta do mundo, solitário, tendo sempre como companheira e também como obsessão a leitura. Sendo antes de tudo um transgressor. Poeta preocupado com os acontecimentos do cotidiano e com tudo o que acontecia ao seu redor. Sentia orgulho em ter bebido nas fontes de grandes poetas e prosadores tais como: Mallarmé, Baudelaire e Rimbaud. Percebesse em sua poesia a brisa embriagante do fazer poético enigmático da tradição clássica que envolve toda a poesia de Ivo, na qual é notável a saudade de um tempo vivido, de uma época onde tudo era liberdade e sonhos.

Em sua poesia é visível o orgulho pela sua terra natal, sua infância rodeada de coqueiros, do cheiro de mar e maresia, navios, faróis e, porque não dizer dos seus currais de peixe. Poesia carregada de plurisignificatividades, fundada na ambiguidade da linguagem e na ambiguidade do mundo. Prova de seu imenso orgulho por Maceió, sua terra natal, é que escreveu alguns poemas tendo como título nomes de bairros e lugares existentes em Maceió.

No livro **Crepúsculo Civil** — Poesia (1990), escreve a poesia *O Trapiche*, referenciando um bairro característico da Capital Maceió:

O TRAPICHE

Queres que guarde para ti o orvalho.

Mas como posso guardar o que se dissolve

ao sol, como o vento, o amor e a morte?

Como guardar os sonhos que sonhamos

enquanto caminhamos acordados

no escuro e sem ninguém ao nosso lado?

E os sussurros de lábios encantados

no outro lado do muro? E a relva que se alastra

na pista do aeródromo? E a mancha aparecida

na casa da manga madura?

Como guardar a brisa sibilante

no convés do navio? E o vôo do pássaro?

E a barca abandonada que atravessa o rio

e para sob a ponte?

Como e por que guardar um arreio enferrujado

e a cinza da coivara
 e a chuva que chovia e o vento que ventava?
 A nada guardaremos, nós que somos
 o depósito de tudo, a arca e o trapiche.
 O orvalho, que é eterno, se evapora
 chegada a sua hora. E nossos sonhos
 nos guardam fielmente nos seus túmulos. (IVO, 1990, p.19)

A poesia de Ivo é repleta de enigmas por ser ele um transgressor da palavra, do tempo e devorador de leituras. No livro **As Imaginações** (1940 – 1943), logo no segundo poema intitulado *O laboratório da noite*, Ivo começa trazendo as proposições teórico-poética, marca de sua poesia, mostrando-se ser um poeta que tem sua fonte na epifania da “rápida alquimia do sonho”; demonstra sua inquietação com oposição terra/céu, o que é uma construção recorrente na poesia Lediana; linguagem sempre pautada na teoria e, na prática da linguagem artística, ou seja, teoria poética e prática retórica.

É o jardim que floresce
 — rápida alquimia de sonho —
 na terra sempre busca
 por um céu de azul e cal.

Ô livro de poesia,
 meu didático instrumento
 de solidão e de dor,
 és mecânico à noite
 e naufrago voltado à praia
 ou clima sem intuição.

Oh, não pergunte meu nome!
 Eu sou o rosto de alguém
 num baile que não prossegue.
 Sou a morte, sou a porta
 de todas as imaginações.

Um céu espera por mim
 em um áspero continente
 que nenhum mapa registra. (IVO, 1940 – 1943, p.47 – 48)

Revelasse além de devorador de livros, ser sem sombras de dúvidas um eterno solitário: “Ô livro de poesia”/ “meu didático instrumento” / “de solidão e de dor”. Sua obra é completa de imagens poéticas, mergulhada na intensidade do fazer poético, rigor da tradição clássica, requinte da linguagem. Andrade (2016, p. 15) diz que a poesia de Lêdo Ivo tem o que chama de “derramamento das palavras, da abundância verbal, da explosão e da transgressão estética”.

A poesia Lediana nos leva em duas direções: da tradição e do elo para o diálogo. Nesse sentido, Nóbrega (2011, p. 13) afirma que “a poesia de Lêdo Ivo, têm duas direções relevantes dentro do estudo fenômeno poético: o de poesia como tradição e o de poesia como diálogo. Ambas se entrelaçam”. Podemos entender por tradição, a tradição literária que no caso das poesias Ledianas estão centradas na tradição literária de Baudelaire e Rimbaud, da tradição francesa, e, também, do modernismo brasileiro, como a poesia de Drummond.

Pode-se entender a tradição no sentido que o poeta não nega suas raízes, suas origens, escrevendo desse modo sobre um tempo, lugar, suas dores e sobre a cultura de um povo, sobre tudo que lhe marcou na sua longa jornada, tendo desta maneira a tradição da cultura moderna. No tocante a poesia como diálogo, ela vai dialogar com outras gerações, culturas e, porque não dizer que a poesia de Lêdo Ivo dialoga com outros poetas, como Manoel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Drummond também tem em suas poesias, o sarcasmo, a ironia e o enigmático em seu fazer poético. Nesse sentido trazemos algumas estrofes da poesia *A máquina do mundo*, escrita no livro **Claro enigma**, publicado em (1951), onde Drummond mostra-se além de enigmático ser um poeta memorialista que recorre à metáfora do tema da morte para dar um tom de mistério e para culto a morte:

é a memória dos deuses, e o solene
sentimento da morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,

tudo se apresenta nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vida humana.

(ANDRADE, 1951, p. 89 – 92)

O poema mencionado acima é considerado um dos poemas mais enigmáticos de todos os tempos, tendo a ausência de rimas, os versos são livres e os temas são ligados ao cotidiano. Carregados de metáforas e alusões a deuses, remete a acontecimentos ligados à morte assim como a poesia Lediana, a poesia drummondiana por diversas vezes faz essas alusões e se encontra diante de um contexto espiritual sem saber como agir. Essas escritas e preocupações com a métrica já eram vistas, por exemplo, em **Os Lusíadas** e as metáforas podem ser observadas na literatura medieval e renascentistas em poemas épicos de Camões.

Silva (2015, p. 36) afirma que “a escritura de Lêdo Ivo é uma mistura de formas espaciais em que se impõem, sobremaneira, os estratos culturais da urbanidade”. Com efeito, podemos afirmar que a poesia Lediana repleta de significados que abrange várias direções, nos

aponta para vários enigmas. Como um bom nordestino, Ivo, jamais esquece suas origens, sendo perceptível em suas obras, pois faz sempre alusão a sua terra natal, Maceió. Percebe-se, pois em toda sua obra duas palavras são recorrentes, como acontece em o *Farol e Mar'*. Outro exemplo disso é o poema *Esmeralda*, no livro **As imaginações**. Nesse poema, na última estrofe, é possível ver que o poeta faz alusão ao mar e o farol: “E continuavas voando, entre o farol e o mar, / ballet de minha adolescência” (IVO, 2004, p. 47), possíveis de serem vistos em Maceió, e o poeta afirma ser um bailado da sua juventude.

Ivo, faz essas alusões com um ar de recordação, sentimentos de angústia e saudade, pois faz uso dos verbos no pretérito imperfeito do indicativo, “desenhava e continuavas”, para mencionar acontecimentos de sua adolescência. Na última estrofe do poema *Esmeralda* lê-se:

Eu desenhava na praia a curva de teu seio.
E continuavas voando, entre farol e o mar,
ballet de minha adolescência.

É notório em Lêdo Ivo sua paixão por sua terra natal. Mostra-se um poeta cheio de recordações e saudades, o que o torna completamente um poeta memorialista. Memorialista este que reluz em sua poesia referências ao mar, ao trapiche que é um bairro de Maceió, aos navios, as dunas e aos faróis. Outro ponto perceptível na obra *Lediana* é o uso recorrente de verbos no passado.

É na ambiguidade da poesia que Lêdo Ivo nos mostra um mundo obscuro, cheio de temores, insegurança, violência de corpos assim como o fizeram escritores como Graciliano Ramos, Breno Accioly, Drummond e tantos outros. Ivo nos proporciona uma poesia polifônica repleta de sentidos que se deslumbram e revelam-se na noite escura como lugar de possibilidades, momento em que tudo é possível, sendo a única certeza a solidão do poeta, e o encontro com o fim inevitável a morte.

Portanto, na poesia *Lediana* tem-se o encontro com um mar específico, a morte como sendo a decomposição das formas, o ritmo clássico e moderno, e as rimas que se movem livres. Há sempre um poeta caminhante, este, está sempre caminhando em um bosque. Segundo Nóbrega (2011, p. 45), há na poesia *Lediana* alguns sintagmas concretos: “bichos, céus, mares, ondas, corpus nus, navios, nuvens, aves, sombras, portas, fontes, estrelas”, estes segundo a autora são os principais sintagmas concretos que se reiteram como sendo temas-semas componentes e agentes da trama poética. Sendo, portanto, dois dos temas mais recorrentes na obra de Lêdo Ivo é a representação da noite e da morte.

Ainda segundo Nóbrega (2011), deve se achar uma compreensão no sentido de que é preciso entendermos que na poesia Lediana a morte surge na imagem do pássaro morto; que a vida vem na formiga carregando a folha; que o dia está sempre em uma visível agitação urbana; que a treva é palpável no pio da coruja, no abraço dos amantes.

Assim, podemos afirmar que Lêdo Ivo, ao adotar em suas poesias as formas visíveis e particulares do mundo, utilizando-se de versos longos, nos dá dicas de que é um poeta caminhante, livre, e nos mostra ser em sua existência fenomênica um poeta que caminha solitário, mas ligado à tradição literária, e seguindo sempre o caminho da poesia. Para retratar a putrefação, Lêdo Ivo traz em sua obra metáforas que fazem referências a animais rastejantes e peçonhentos, como veremos no capítulo seguinte, quando nos determos a analisar o poeta e a *Geração de 45*.

3. LÊDO IVO E A GERAÇÃO DE 45

A década de 40, do século XX, nos mostra um cenário caótico do mundo. Havia entre 20 e 30 a imersão do Brasil na proposta modernista e isso nos levou a pensar sobre o lugar da literatura e das artes no país.

Entre 1930 e 1945, grosso modo, o panorama literário apresenta, em primeiro plano, a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento do lírico moderno no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza (Drummond, Murilo, Jorge de Lima, Vinícius, Schmidt, Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Emílio Moura...) (BOSI, 1985, p.434 – 5).

A crítica literária da época coloca Lêdo Ivo como “representante da geração de 45, que reagiu contra os desmandos e os equívocos do movimento modernista de 1922 e que constituiu uma oposição a este” (JUNQUEIRA, 2004, p.25). Lêdo Ivo se considerava um transgressor, para ele um poeta sempre nasce ligado a um lugar no mundo, a uma geração. Ainda seguindo os pensamentos do teórico, “os escritores nordestinos eram acima de tudo, alma” (JUNQUEIRA, 2004, p.27). Sendo os escritores nordestinos alma, o autor afirma que Lêdo Ivo era considerado “acima de tudo um lírico elegíaco” (JUNQUEIRA, 2004, p.27). Sua obra foge dos paradigmas da poesia pura, que enaltecia o universo por versos sinuosos.

A obra de Lêdo Ivo faz alusão a condição humana e a vida cotidiana, para ele o poeta moderno deve se interessar pelo mundo em sua contemporaneidade e as experiências vividas por ele. Contemporâneo de outros grandes poetas brasileiros, como João Cabral de Melo Neto. Podemos dizer que o escritor alagoano foi amante do soneto e dos versos longos.

A exemplo de sonetos tem-se em **Acontecimentos do soneto** (1946), o *Soneto da Rebelião*:

Por um campo fantástico eu me vou
brutalmente pisando sobre flores
e nos meus ombros vai perdendo as cores
o paletó de Jean-Arthur Rimbaud.

Sinto em mim turbilhões. Qual vaga sou
mais que marinha e escuto meus amores
como vozes gritando às minhas dores
que a loucura me viu e me tomou

em suas mãos de sangue. Vou-me embora
para viver a vida que me aguarda
quando eu cuspir a minha adolescência.

Repudiando o que me prende agora

serei feliz, feliz! e o anjo da Guarda
 verá provocada a sua incompetência.
 (IVO,1946, p. 127)

Lêdo Ivo se mostra ligado à tradição literária de Rimbaud. O eu-lírico clama pela dor da sua adolescência. Já não quer mais estar preso a um único lugar deseja ser feliz, “serei feliz, feliz!” enfatiza que essa felicidade agora será permanente, para isto faz uso do verbo “ser”, sendo um verbo de ligação o qual liga o sujeito as suas características, no caso de Ivo liga-o ao poeta das recordações, “quando eu cuspir a minha infância”.

Exemplos de versos longos em **Ode e Elegia** (1944 – 1945), tem-se o poema intitulado “Elegia”, cujas estrofes irregulares não seguem a tradição de versos curtos, contendo este poema estrofes com até dez versos.

A solidão só existe quando tudo nos cerca
 e as suspeitas se convertem em verdadeiras.
 O que fora um sólido minuto, a queda em plena tarde,
 o que fora a revelação da paisagem jamais percebida, as lágrimas
 libertando a serenidade do rosto, a moça pedalando uma bicicleta,
 o que fora tempo, o grande tempo nu,
 se ali misteriosamente ao absoluto. Fronteira
 entre o agora e o sempre, irrompe e recorda
 o sol nos primeiros caminhos, as viagens irrealizadas, o
 [domínio da rosa.
 (IVO,2004, p. 91)

A *Geração de 45* representa a terceira geração do modernismo e representou um grupo de literatos brasileiros. Consequentemente, precisamos entender que antes de 45, existiu a geração de 30, marcada pela consolidação dos ideais modernistas apresentados na semana de 1922. O marco inicial é a revolução de 30 e o término é a deposição de Getúlio Vargas pelas Forças Armadas em 1945. A poesia de Carlos Drummond de Andrade, intitulada de **Alguma Poesia** (1930), como vimos no capítulo anterior, marcou o início da intensa produção literária poética desse período.

A *Segunda Guerra Mundial* (1939 – 1945) apresentou a violência e a morte em sua fase mais desumana e cruel. Como diz o poema “A bomba explode, o Japão desiste, Getúlio não resiste” (ÂNGELO, 1976, p. 71). Sendo a *Geração de 45* tomada pela influência da guerra, do desamparo e do sentimento de caos, o movimento acompanhou também os enfrentamentos futuros da política cultural no Brasil.

A poesia de 30 tem enorme abrangência em temáticas sociais, históricas, culturais, filosóficas, religiosas e no cotidiano. Utiliza a linguagem coloquial, tem versos livres.

Caracteriza-se desta forma, pela abrangência temática em virtude da racionalidade e questionamentos. Influenciada pelos acontecimentos da época, sofre influência também do regionalismo verso universalismo. Poetas dessa geração, destacam-se: Drummond de Andrade, precursor da poesia de 30; Cecília Meireles, forte influência da psicanálise e da temática social é considerada uma das maiores poetisas brasileiras; Mario Quintana, “poeta das coisas simples”, possui uma vasta obra poética, destacamos aqui o livro **A rua dos cataventos** (1940). Esses são alguns dos poetas que fizeram parte da geração de 30, que antecedeu a Geração de 45.

Os escritores da *Geração de 45* produziram suas obras no contexto do movimento modernista, em que as artes buscavam tecer críticas ao movimento modernista, como, por exemplo, a liberdade de expressão ou a poesia coloquial, ao tempo que se distanciava das artes vanguardistas de 22, procurava definir seu lugar a partir do equilíbrio à forma poética. Essa geração também é chamada fase pós-moderna, com rupturas entre a primeira e a segunda fase, como nos ensina Bosi (1985).

Dessa forma, a *Geração de 45* reuniu artistas que estavam em busca de uma nova expressão literária por intermédio de temáticas linguísticas, inovações estéticas e também por meio da experimentação. No que diz respeito aos poetas da metade da década de 40, que tentavam romper com o elogio urbano, Silva (2015, p. 16) diz que:

Podemos perceber que a partir da segunda metade da década de 40, escritores como João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e Lêdo Ivo buscaram romper o parcial elogio urbano tecnológico celebrado na fase heroica inaugurada pela Semana de Arte Moderna, como podemos perceber nas obras de Ronald de Carvalho e Graça Aranha. Contrapondo-se às trilhas de uma linguagem local, ao movimento de fragmentação das personagens, ao metapoema de valorização clássica e as formas poéticas na construção do belo, respectivamente, esses autores propuseram uma nova roupagem para a arte literária, propondo uma literatura brasileira alicerçada na desromantização do romance, no sentido dado por Cândido (1972), e, ao mesmo tempo, com a tentativa de trazer a tradição para ordenamento das coisas do mundo.

A arte da *Geração de 45* foi representada como sendo uma arte que está preocupada com a palavra e a forma. “O poeta engenheiro” João Cabral de Melo Neto (1920 – 1999) tem sua obra constituída de forma racional e equilibrada. O grande destaque na poesia e obra mais emblemática é **Morte e Vida Severina** publicada em (1954 – 1955), tendo como temática a seca no Nordeste, de modo a tecer críticas sobre os problemas vividos pelos retirantes.

[...]
mas isso ainda diz pouco:
Se ao menos mais cinco havia

Com nome de severino
 Filhos de tantas Marias
 Mulheres de outros tantos,
 Já finados, Zacarias,
 Vivendo na mesma serra
 Magra e ossuda em que eu vivia.

(MELO NETO, 2010, p.50)

No romance, o escritor Guimarães Rosa também se preocupava com a palavra e a forma, sua obra em prosa regionalista, destaca-se **Grande Sertão Veredas** publicada no ano de (1956), cuja obra o poeta recria os costumes do povo sertanejo e a sua fala com personagens que se utilizam de uma linguagem popular, coloquial e regionalista.

[...] Dissesse um, caçoasse, digo- podia morrer. Se acostumavam de ver a gente parmente. Que nem mais maldavam. E estávamos conversando, perto do rego- bicame de velha fazenda, onde o órgão dá flor. Desse lufús, ia escrevendo. Diadorim acendeu um fogueiro, eu fui buscar sabugos. Mariposas passavam muitas, por entre as nossas caras, e besouros graúdos esbarravam. Puxava uma bris-brisa. O ianso do vento revinha com o cheiro de alguma chuva perto. (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.57 – 58)

Além de ter uma arte preocupada com a palavra e a forma, Clarice Lispector (1920 – 1977) era uma escritora da *Geração de 45* preocupada com a forma e a palavra, em simultâneo, em que se ocupava de explorar em suas obras assuntos essencialmente humanos. A literatura dessa autora é intimista, tendo sua produção marcada por introspectivas de caráter psicológico e subjetivismo, como podemos perceber, por exemplo, em **A hora da estrela**, a qual teve sua primeira publicação no ano de 1977.

A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique. Meu coração se esvaziou de todo desejo e reduz-se ao próprio último ou primeiro pubar. A dor de dentes que perpassa esta história deu uma fígada funda em plena boca. (LISPECTOR, 1998, p. 47)

No tocante à Lêdo Ivo, podemos afirmar que ele era difusor de uma poesia comprometida com o sujeito e com a sociedade. Costa (1998, p. 59), diz que:

A geração de 45 procura o vocábulo nobre, a imagem rara, e cultiva a forma fixa. Fugindo ao descontrolo e ao prosaísmo, impõe-se, contudo, um decoro que lhe pasteuriza em certa medida o dizer. O verso, nesses termos, sobrepõe-se ao impulso lírico, da mesma forma que se gramaticaliza o discurso, abrandando-se a emoção e a manifestação pessoal, subjetiva, dá lugar a uma dicção universalizante. [...] o balanço da contribuição da geração de 45 para o processo de amadurecimento da poesia brasileira traz à evidência

eloquentemente, essa recusa, estratégica e programática, em reconhecer o impacto fecundador da explosão modernista.

Percebesse que em meio a tantas transformações durante o processo do modernismo na literatura brasileira, que muitos escritores e poetas resolvem escrever de forma livre, utilizando-se de formas cultas, mas que, fugiam a grosso modo de uma padronização que quisesse seguir regras. E é nesse momento da literatura que passamos a ter uma poesia com versos livres e obras com críticas as instituições daquela época, e têm-se imagens de seres humanos fragilizados e fragmentados.

3.1. O contraponto com os modernos de 22

A *Geração de 45* segue um contraponto estético aos modernos de 22. Isso se deve ao pensamento cultural do país entre as décadas de 20 e 30, do século XX. A presença dos jovens poetas que gestaram a *Semana de Arte Moderna* serviu, mais adiante, para a criação de ideias contrárias ao movimento.

Lêdo Ivo foi um desses escritores que somaram o pensamento contrário. Em *Modernismo e modernidade*, publicado em 1972, o escritor alagoano mostra que tanto a ideia de valorização do passado, atrelado ao cotidiano e às vanguardas europeias colocaram a poesia na contramão de seu próprio sentido.

O repúdio ao passado, de nítida instigação marinettiana, insulou o movimento numa atualidade carente e até imaginária, se confrontada com o exemplo dos mais perduráveis surtos criativos europeus, os quais, em sua dimensão de busca e pesquisa, destacam o papel das tradições sucessivas no eterno retorno do novo (IVO, 1972, p. 23 – 24).

Dessa forma, o autor de **Ninho de cobras** (1997) afirma haver uma “atualidade carente”, tomada por uma impressão “imaginária” do fazer artístico. Para o crítico, é preciso seguir uma tomada ligada à tradição literária, porque sem isso a poesia sofre os efeitos da coisa comum, perdendo essência e valor.

Lafetá (2000) analisando o pensamento crítico da época de escritores como Mário de Andrade, que assume uma visão diferenciada da juventude modernista mais adiante, que acredita que o modernismo brasileiro seguiu um perfil ideológico, encoberto pela sensação de novidade aparente que caminhava a sociedade nas primeiras décadas do século XX.

A recusa desse espírito festivo é uma das primeiras reações dos anos trinta ao Modernismo. Amadurecer, deixar de lado as brincadeiras, os poemas-piadas, as atitudes jocosas, e passar a encarar a face séria da vida, tais são as palavras-

de-ordem daquela época. A arte volta para o pedestal dos assuntos elevados, o poeta volta a ser visto como “o grande privilegiado, aquele que uma missão sagrada distingue de todos os outros”, aquele “enviado de Deus aos homens para lhes contar o seu sofrimento” (LAFETÁ, 2000, p. 245 — Grifos do Autor).

Na verdade, a década de 40 se apresenta bem diferente das três primeiras décadas do século XX no Brasil. Ainda que se observe a desigualdade e relação de subdesenvolvimento, como nos ensinou Candido (1989), a literatura da época convive com a tensão e choque da vida social brasileira. Dessa forma, podemos considerar que o cenário sociocultural brasileiro se projeta para o pós-guerra, porque o deslocamento dos efeitos da guerra vão provocar uma leitura de outros espaços e cenário da formação cultural brasileira.

As condições que levaram os gestores do movimento de 45 à negação dos ideais de 22 estão na maneira como os jovens escritores da época propuseram a tão esperada “ruptura”, que, para aqueles, não aconteceu. O que houve, na verdade, foi uma construção ideológica da formação literária em 22, produzindo os caminhos de tendências que nada tinham a ver com a história local. Para Saldanha (2011, p. 7):

Lêdo Ivo traça o perfil de um escritor ‘aristocrático, inflexivelmente aristocrático’. [...] Ainda que altamente discutíveis, os argumentos bordejam a questão do lugar da Semana na cultura brasileira, fornecendo o mote para o ensaísta afirmar que o movimento de 1922.

Sem dúvida alguma, fora “uma revolução estética de descoberta nacional, embora suas melhores armas fossem importadas da França e da Itália” (IVO, 1978, p. 226). Assim, o debate se afirma na visão dicotômica de antigo x moderno na literatura, que para a *Geração de 45*, segundo Saldanha (2011, p. 3 — Grifo do Autor),

não se ajustava exatamente aos paradigmas de sua geração, na medida em que estes encarnassem aquilo que Nietzsche via como sendo o “perigo” de uma posição *supra-histórica*: aquela cujo olhar para o passado compromete toda potência de ação – ou, transpondo aqui a argumentação para a arte: compromete a potência de criação.

A discussão se avoluma enquanto, por fim, as formas poéticas produzidas por Lêdo Ivo impõem à tradição um sentido fincado na produção dos poetas do passado, valorizando-os, e, em simultâneo, propondo a desconstrução das formas livres da poesia de 22 para colocá-la diante do paradigma da forma. Assim, podemos dizer que a existência de contrapontos entre os movimentos nos diz que a poesia de 45 se contempla na existência da palavra poética, porque

é neste exercício de construção estética que os poetas colocam a estrutura dos versos em permanente (des)equilíbrio com a realidade.

3.2. O culto à tradição literária

Para Lêdo Ivo, percussor da *Geração de 45*, e para esta geração, a poesia deveria dialogar com a tradição literária moderna, principalmente com Baudelaire e Rimbaud, pois a tradição é aquilo que nos marca, configurando nas narrativas elementos importantes que acompanham a evolução do seu tempo, ou, como afirma Bhabha (2013, p. 21), um *embate cultural*.

Para T.S. Eliot (1888 – 1965) a tradição tem amplos significados e que se é do desejo de alguém deve ser conquistada “com grande esforço”, pois ela não é herdada e que a tradição envolve antes de tudo o sentido histórico, indispensável para quem pretende ser poeta depois dos vinte e cinco anos, sendo que esse sentido histórico implica em várias percepções e “não apenas da caducidade do passado, mais de sua presença” (T.S. Eliot, 1989, p.39 — Grifos do autor).

Desse modo, Lêdo Ivo segue a tradição de seu tempo inserido na contemporaneidade, de onde conseguia ir além do seu tempo, para escrever sobre seu lugar de infância, sua terra natal. E compactuando com o pensamento de T.S. Eliot, o qual acreditava que um poeta não escreve somente sobre a geração a qual pertence, mas escreve com o sentimento de pertença de mundo, e era assim que Ivo, se considerava um poeta pertencente a lugar nenhum, ao mesmo tempo, em que se dizia pertencer ao mundo. Ainda seguindo o pensamento de T. S. Eliot, o poeta é um talento individual, porém trabalha dentro de uma tradição que deve se conseguir “com grande esforço”. O autor escreve que tradição

Supõe, em primeiro lugar, o sentido histórico, que podemos dizer praticamente indispensável a qualquer um que continue a ser poeta depois dos vinte e cinco anos de idade; o sentido do histórico supõe uma percepção, não apenas do que é passado do passado, como também daquilo que permanece dele; o sentido histórico leva um homem a escrever não só com sua própria geração entranhada até a medula, mais ainda com a sensação de que toda a literatura da Europa desde Homero, e dentro dela toda a literatura de seu país, possui uma existência simultânea e compõe uma ordem simultânea. Esse sentido histórico, que é o sentido tanto do atemporal quanto do temporal e do atemporal e do temporal reunidos, é que torna um escritor tradicional. E é isso que, ao mesmo tempo, faz com que um escritor se torne mais agudamente consciente de seu lugar no tempo, de sua própria contemporaneidade. (T.S. ELIOT, 1932, p.14 – 15)

Considerando o pensamento acima, se entende não haver de nenhuma maneira como isolar o passado do presente, entende-se que (ambos) o passado e o presente se entrelaçam entre si, e vão se modelando mutuamente formando um único elo. No sentido aqui pretendido por Eliot, o passado e o presente coexistem um com o outro. Dessa maneira subentende-se que Eliot propõe, uma visão da tradição literária, que mesmo não sendo plenamente formada pela sucessão temporal, ainda deve ser respeitada. Por conseguinte, nem o poeta, o artista, o passado e tão pouco o presente tem total significado sozinhos. E nesse sentido, mesmo que o poeta Lêdo Ivo se considerasse um solitário nunca negou suas raízes e jamais negou que bebeu das fontes literárias de Baudelaire e Rimbaud.

Dessa forma, a tradição literária compõe um conflito cultural entre a literatura que permite fortalecer nosso elo com a arte. Desta maneira podemos afirmar que o poeta alagoano conflitua nossas ideias de tradição e modernidade, como, por exemplo, quando assume o tom lírico elegíaco em seus poemas. Quando afirmamos que o poeta alagoano Ivo, tem um tom poético “lírico elegíaco” o dizemos porque toda sua obra é construída com temas relacionados a tristeza, seja devido a um amor interrompido, ou seja, pelo fato de que a morte se abateu sobre os amantes em noite de esplendor.

Sendo que por elegia entende-se uma poesia/poética de conto doce que envolvem tons de tristezas e de morte, a esse exemplo têm-se “O *Soneto da morte*” na obra **Poesia Completa** (1940 – 2004), mais precisamente escrita no livro **Curral de peixe**, cujo poema tem toda uma musicalidade doce e sombria que cultua não só a tristeza mais a um culto metafórico a morte. E no tocante ao tom elegíaco como nos bem lembra Silva (2006, p. 260) é porque o poeta tem “a capacidade de criar a palavra sobre tons de lamento e de musicalidade poética”, em que os processos/dimensões decisivos no fazer artístico que podem dar-se simultaneamente são o fazer, o conhecer e o experimentar. Sendo que para Bosi (1985) entende-se que:

Sempre que nos detemos em cada uma dessas dimensões, presentes e vivas em todas as obras de arte, descobrimos que elas já foram objeto de uma longa tradição teórica e crítica cujas formulações iniciais se encontram, em muita clareza, no pensamento grego (BOSI 1985, p. 8).

O fazer poesia a partir de algo que já foi feito é uma marca recorrente da poética de Ivo que a princípio se envolveu com a poesia modernista que o antecedeu, como também dialogou com as formas da tradição. Poética esta que se constrói pela renovação e pela continuidade da tradição passada. Diante desse pensamento nos cabe retornarmos aqui ao poema já mencionado anteriormente, “o soneto da morte”, em que vale salientar que o soneto está presente na tradição

da cultura grega que cultua a morte. No que lhe concerne, essa tradição se inicia nas tradições clássicas.

O SONETO DA MORTE

A morte é a nuvem negra no horizonte.
a lírida promessa no céu claro
que guarda a escuridão, como um preclaro
segredo armazenado pelo instante.

A morte vem e voa, como um pássaro
estonteado pelo meio-dia,
flecha partida de onde nada havia
senão a luz que amortalhava o mar.

A morte vai na frente, como a proa
do navio que vence o nevoeiro
rumo ao porto final. A morte voa
e, vento exposto ao vento e ao sol poente,
quer ser vida e é morte novamente,
e silêncio do porto derradeiro.

(IVO 1995, p.927)

Em “O soneto da morte” Ivo vai metaforizar a morte. O mesmo fez Augusto dos Anjos, no poema “versos íntimos” quando no segundo verso da primeira estrofe diz: “Enterro de tua última quimera”. Notamos que assim como o fez Ivo, Augustos dos Anjos, também o fez, ambos falam da morte e da putrefação com violência e de forma a metaforizar o tema na literatura.

No poema “o soneto da morte”, a representação da morte é marcante. A forma do soneto, como estrutura clássica, também remete aos cultos dos gregos à Hades. A forma poética do soneto está organizada em ABBA- BCCD- EFF- AAF. O tema da morte inserido nesse poema mostra que o poeta está bebendo do passado, sendo, pois, a morte tratada como forma metafórica do diálogo com a forma clássica. O poema é constituído de imagens poéticas geralmente marcadas pela metáfora, “a morte é a **nuvem** negra no horizonte”, veja que a palavra nuvem está sendo usada como metáfora para a morte. No verso “senão a luz que **amortalhava** o mar”, a voz poética do eu lírico ou do sujeito lírico é marcada na 1.^a e 3.^a pessoa do discurso, marcando a posição do sujeito lírico.

O poeta recorre à palavra "amortalhava" que vem do verbo “amortalhar”, que na primeira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo diz que: Eu **amortalhava**. Já na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo o Eu lírico diz que: ele, ela,

você **amortalhava**. Dessa forma é possível ver que o poeta cria um gancho poético ao utilizar a letra **A** no início do verbo flexionado: **amortalhava** e quando partimos para análise morfológica da palavra a-mortalha-va, vemos que existe dentro dessa flexão verbal a palavra **mortalha** a qual o poeta nos remete a cultura da morte. Os quartetos guardam a escuridão e entorpecem o dia.

No verso “do navio que **vence** o nevoeiro” percebe-se um aspecto sonoro proposital das letras “v”; enquanto é perceptível esse jogo sonoro da musicalidade no verso “e, **vento** exposto ao vento e ao sol poente” quando o poeta se utiliza da vogal “o” de modo a expor o excesso nos versos. No penúltimo verso da última estrofe lê-se “quer ser vida e é morte novamente”, há um jogo de antítese que retrata uma oposição à morte, em que a morte desembarca no porto em silêncio. Os tercetos reforçam a caminhada da morte, que voa rapidamente como se estivesse a proa de um navio, pronta para desembarcar em silêncio. Os jogos antitéticos dão ao poema uma musicalidade interna.

Silva (2015, p. 42), diz que Lêdo Ivo é “na verdade, um escritor inserido na tradição modernista vivente das pulsões sociais que movimentaram a primeira metade do século XX, atualizando a forma e conteúdo romanescos”. A poesia Lediana está pautada na tradição moderna, para isto o poeta Ivo lança mão da tradição passada. No entanto, nos é visível que o poeta alagoano por intermédio da “interpretação” recolhe e modifica o passado com certa cerimônia.

4. CURRAL DE PEIXES E O ENCURRALAMENTO DA MORTE

Curral de peixe, de Lêdo Ivo (2004), contém uma coletânea de sonetos que se apropriam da metáfora da noite e do dia como elementos estéticos. Sendo a noite a representação da escuridão onde tudo de sombrio e misterioso pode acontecer e o dia representa esse paradoxo, ou seja, a claridade, na qual o ser humano tem um encontro com a luz. Na verdade, o livro em questão faz uma alusão a Alagoas. Ivo está sempre presente em sua terra natal, não em corpo mais em suas obras, pois uma obra literária tem que ser plurissignificativa podendo apontar para várias direções

Para Nóbrega (2011), o livro do poeta alagoano é uma dedicatória a um bairro em que viveu durante sua estadia no Rio de Janeiro, lê-se no poema:

O QUE DISSE À CRACA

Eu disse a craca da Ponte Rio-Niterói:
O tempo é um molusco que se incrusta
na obra dos homens
e com a tua faina imperceptível explicas eu ter esquecido um nome
após tê-lo soletrado dia e noite no delta de um púbis.
Eu disse à craca, durante a travessia: Eu te saúdo e reverencio,
[porque és o desgaste e a corrosão
a irmã caçula da morte
o ponto obscuro que resume o sonho extinto.
Ao que jamais soube nem me foi ensinado
pelo vento marinho que dilacera o dia,
acrescento a insídia das cracas que danificam
os pilares das pontes sobre as águas e os costados dos navios.
O tempo é um molusco- eu disse à craca da Ponte Rio-Niterói-
e vieste para reduzir o esplendor do mundo.
(IVO, 2004, p. 875)

No poema acima podemos perceber que o eu-lírico faz um questionamento, “e com a tua faina imperceptível explicas eu ter esquecido um nome”, note que o Eu-Lírico tem urgência em seu questionamento, percebesse isso com a ausência de vírgula, ponto final ou de interrogação. Logo após, a voz do Eu-Lírico diz não entender como é possível ter esquecido tal nome, o poeta tem esse estranhamento e o faz utilizando-se do oposto do “dia e noite”: “após tê-lo soletrado dia e noite no delta de um púbis.” Nesse mesmo poema é possível perceber que ele está falando de um lugar específico Rio de Janeiro, “Eu disse a craca da Ponte Rio-Niterói:”. Fazendo desta maneira uma saudação ao tema da morte, “[...] Eu te saúdo e reverencio, / [porque és o desgaste e a corrosão/ a irmã caçula da morte”. O poeta reverência a morte ao mesmo

tempo que a adjetiva como sendo “o desgaste e a corrosão” dando-lhes como irmãs caçulas da morte, (Lêdo Ivo, 2004, p. 875).

Nóbrega (2011, p. 99 — Grifo do Autor) continua seu pensamento dizendo ser:

Dedicado também a um instante vivido ao cair da noite, no mesmo bairro do Rio de Janeiro, a noite se contamina da impureza humana de tal modo que o poeta, ao caminhar, rasteja, respirando a maresia, num cenário que nos faz lembrar o cenário de “o sentimento dum Ocidental”.

O poema ao qual a autora faz referência é do poeta Cesário Verde, publicado em 1887, sendo o mesmo dividido em três partes nas quais o cenário é o urbano, onde o poeta se encontra sempre caminhando pelas ruas de Lisboa. Durante um passeio o poeta vai descrevendo as imagens decadentes das ruas de uma forma meramente simbólica do espaço vivo da cidade (NÓBREGA, 2011). O poema traz a imagem da cidade num cenário noturno, de início ao anoitecer ser intitulado de “Ave-Marias” e na madrugada que é a segunda parte do poema intitulado de “Horas Mortas”. Lê-se na segunda estrofe da primeira parte: “O céu parece baixo e de neblina, / o gás extravasado enjoo-me, perturba;/ E os edifícios, com as chaminés e a turba/ Toldam-se duma cor monótona e londrina”. Percebe-se que assim como o faz Lêdo Ivo, utilizando-se do espaço urbano triste e melancólico e usufruindo de uma exuberante verbosidade, o poeta Cesário Verde também faz uso desse espaço de melancolia. Outro poeta que representou o espaço urbano e suas melancolias e tristezas foi o poeta do sentimento do mundo, Carlos Drummond de Andrade, o mesmo metaforiza a morte com acontecimentos ligados ao momento em que tudo é permitido e possível que é no espaço da noite escura e tenebrosa.

Outra semelhança entre os poetas é que ambos teciam críticas à sociedade e o faziam por intermédio de acontecimentos cotidianos com objetividade e também subjetividades das suas imaginações transfiguradas. Contudo, a poesia de Ivo em **Curral de Peixes** é dividida em três partes: a primeira é completamente em versos livres, estilo convencional. Nessa primeira parte o poeta escreve o primeiro poema intitulado de *As Ferragens*, fazendo uma referência a Maceió, sua terra natal.

AS FERRAGENS

Em Maceió, nas lojas de ferragens,
a noite chega ainda com o sol claro
nas ruas ardentes. Mais uma vez o silêncio
virá incomodar os alagoanos. O escorpião
reclamará um refúgio no mundo desolado.
E o amor se abrirá como se abrem as cochas

nos terraços do mar, entre os sargaços.
 Nas prateleiras, os utensílios estremecem
 quando as portas se cerram com estridor.
 Chaves-de-fenda, porcas, parafusos,
 o que fecha e o que abre se reúnem
 como uma promessa de constelação. E só então é noite
 nas ruas de Maceió.

(IVO, 1995 p.873)

Como um excelente devorado de livros e amante dos versos longos e da poesia com enigmas, Lêdo Ivo traz em suas obras imagens de animais peçonhentos, de modo a metaforizar a morte na literatura. No poema intitulado de “As Ferragens”, é possível notar a presença da imagem de um escorpião, “O escorpião reclamará um refúgio no mundo desolado”. Percebesse que o poeta descreve o espaço como sendo desértico ao tempo em que o eu-lírico vai mostrar a tristeza e a solidão do poeta, quando faz uso do adjetivo “desolado”, para adjetivar o mundo ao qual o escorpião reclama um refúgio.

A figura do escorpião está ligada ao espaço noturno e ao mistério. Na Grécia Antiga, por exemplo, o escorpião era visto como símbolo de perigo e morte. Não por acaso é que o poeta alagoano traz a personificação da morte representada em figuras de animais rastejantes e negros como a noite.

Notasse que o poema não segue uma métrica fixa, os versos são irregulares e o poema é construído apenas por uma estrofe, composta por treze versos, nos quais o poeta vai utilizar-se de dois temas-semas “noite e morte”. Noite como uma oposição ao dia, nesse caso o poeta metaforiza o dia como “o sol claro”. Já a morte é metaforizada na imagem do “escorpião”, que assim como a morte, rasteja e é um animal peçonhento. Como já mencionado anteriormente, a morte é um tema recorrente nas obras Ledianas. Tema este que funciona como um núcleo semântico que se introduz no corpo do texto por intermédio do próprio substantivo.

A segunda parte é constituída por sonetos e alguns poemas, ambos têm versos que seguem uma métrica. Essa parte é intitulada de “Dia e Noite”, nessa sessão o poeta meio que presenteia os leitores com o desenrolar dos acontecimentos que terminam quase sempre na equivalência. Vem-se também que o poeta continua usando o tema da morte e da noite, como também faz uso em seus versos de palavras opostas que sucumbem, na verdade, uma da outra. A exemplo temos: “Uma parte visível. / A outra parte escondida. “A minha noite é dia. / Toda liberdade é cárcere.” O poeta Lêdo Ivo, conseguiu fazer uma perfeita ligação entre a luz e o corte, o soneto que bem representa essa imagem metaforicamente rica de significações e de alusão ao tema da morte é o soneto *A separação*.

A SEPARAÇÃO

Sou o que o teu corpo
me deixa ser
e na aurora que rompe
vejo o anoitecer.

Em que lençol deixaste
tua alma perdida?
O dia vai abrir-se
como uma ferida.

Entre quatro paredes
alastra-se o nevoeiro
que nos separa.

Lado a lado aprendemos
que a noite é uma gruta
e o dia é uma espada.
(IVO, 1995, p. 913)

Na terceira e última parte, leem-se poemas de composição poética pouco extensa. É intitulada de *O salteador*. Mesmo essa parte tendo poemas curtos, ou seja, poemets, o poeta os escreveu com definições e sem rimas, mas que diz tudo o que se propõe dizer poeticamente.

Então entendemos que mesmo o livro tendo sido dividido em três partes diferentes, com composições diferentes, ambas têm a morte como ligação. E **Curral de Peixes** tem a morte como “transcendência e serpente como símbolo” (NÓBREGA, 2011). Se lermos com atenção, veremos ainda, que se tem um poeta solitário, uma noite misteriosa, e a contemplação da morte a qual é tida como uma segunda chance de viver. Também é possível presenciar a violência com que a morte se instaura na obra de Breno Accioly, conterrâneo de Lêdo Ivo. No conto *Zoraide Colhe Margaridas*, por exemplo, a personagem sofre com o abuso da violência doméstica que vai culminar na morte de seus genitores, do cachorro e do funcionário da morgue. “Zoraide pega o castiçal que fumeja num cotoco de vela. Com um golpe abre a cabeça do funcionário que a fica olhando com olhos empastados. Tinto de sangue o cabo da vassoura se empapa à hemorragia abundante” (ACCIOLY, 1999, p. 585).

4.1. O Poema na negatividade

Conforme o tempo passa e as gerações vão rompendo com o passado, essa ruptura por si própria irá se estabelecer como sendo a tradição do belo, ou seja, da modernidade estética. Portanto, mediante a esta constituição da ruptura na estética moderna, ela acaba por transformar-se num elo à tradição da negação.

Tradição esta que, tem origem no termo em latim *traditio*, que significa “entregar” ou “passar adiante.” Na linguagem literária a tradição significa direito de conduta e de renúncia e também é um ato que dá consentimento para ocorrer uma comunicação que oriente num percurso que permita rejeitar, concordar ou somente compreender. Segundo Junqueira (1993, p. 153), “ruptura não é demolição pura e simples”, pois ainda de acordo com Junqueira, se a tradição tivesse apenas esse caráter de demolição pura e simples, não haveria uma “ponte entre o antigo e o novo”, sendo que a ruptura tem um papel avesso ao da demolição, que é o de construir elevando uma ponte para que aconteça a “transição de valores” e de “reavaliação estética”.

Para Mano (2006, p. 64), “o aspecto negativo da arte moderna relaciona-se com a noção de um possível realizável. Nega-se o presente social.” Dessa maneira a perseverança no negativo existencialista pode ser uma tentativa de afastamento de assuntos que provoquem conflito e agitação, ou seja, uma fuga de uma provável perturbação.

Kristeva (2005) diz que a linguagem poética só será entendida do excesso do negativismo se partindo do pressuposto da negação como função interna ao julgamento. De modo que se nos dedicarmos à leitura de um poema devemos ser conscientes que a mesma nos proporciona enunciados de um “não-ser” sendo conseqüentemente precedido de um “ser”. A autora afirma ainda que:

A negatividade do significado poético distingue-se também da negação enquanto operação interna ao julgamento. A poesia não diz *não é verdade que não haja móveis voluptuosos*, o que seria uma negação possível na lógica do discurso (do juízo), isto é, uma segunda negação, que viria após a primeira, estando as duas separadas no espaço e no tempo. A poesia enuncia a simultaneidade (cronológica e espacial) do possível com o impossível, do real e do fictício (KRISTEVA, 2005, p. 184).

Subentende-se que na sociedade contemporânea a leitura poética, ou seja, a linguagem poética enuncia não para a lógica do discurso (do juízo), todavia, essa linguagem poética vai aceitar o ser do não-ser, podendo dizer que os textos poéticos da modernidade são construídos num movimento entre a afirmação e a negação. Portanto, três poetas ganham imensos destaques como sendo poetas da tradição da negatividade na poesia moderna brasileira, Carlos Drummond de Andrade, João de Cabral de Melo Neto e Augusto dos Anjos. Suas obras se destacam como sendo o berço da negatividade por consequência da ruptura com os padrões literários daquela época.

As respectivas obras que possuem um tom de negatividade em sua forma e conteúdo, são: **A Rosa do Povo**, de Carlos Drummond de Andrade; **O Engenheiro**, de João Cabral de Melo Neto e **Eu e Outras Poesias**, de Augusto dos Anjos, sendo essa última obra produzida em 1912, período de grandes acontecimentos no Brasil e no mundo. Nessa época acontecia a transição entre o simbolismo e o modernismo. Sendo, portanto, o surgimento do Pré-modernismo que é o período literário brasileiro que vai de 1902 até a *Semana de 22*.

Na Europa surgem os movimentos de vanguarda. Acontecimento da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). No Brasil, está acontecendo a *Guerra de Canudos*, o surgimento das favelas e a dilatação dos efeitos da Proclamação da República. E é nesse contexto, marcado por grandes desigualdades sociais e conflitos políticos que surgiu o pré-modernismo e no qual muitos escritores vão escrever suas obras mostrando a realidade tal como ela é, não há espaços para idealizações. Nesse contexto, Augusto dos Anjos escreve sua obra, em que revela que já não acredita na espécie humana, deixando evidente toda sua descrença nessa espécie.

Poeta do Pré-Modernismo, Augusto dos Anjos tem, por exemplo, em sua única obra, **Eu e os Outras Poesias** (1912), uma estrutura clássica, uso de uma linguagem cientificista misturando os termos da ciência com os da biologia, que mostra temática melancólica, pessimista de morte, putrefação. A poética de Augusto dos Anjos é de grande transcendência de negação à ilusão social. Essa obra vai nos colocar diante de um mundo em ruínas, em putrefação, contrário a toda e qualquer ilusória idealização.

IDEALIZAÇÃO DA HUMANIDADE FUTURA

Rugia nos meus centros cerebrais
A multidão dos séculos futuros
--Homens que a herança de ímpetos impuros
Tornara etnicamente irracionais!

Não sei que livro, em letras garrafais,
Meus olhos liam! No húmus dos monturos,
Realizavam-se os partos mais obscuros,
Dentre as genealogias animais!

Como quem esmigalha protozoários
Meti todos os dedos mercenários
Na consciência daquela multidão...

E, em vez de achar a luz que os céus inflama,
Somente achei moléculas de lama
E a mosca alegre da putrefação.

(ANJOS, 1912)

Nesse soneto vê-se a total descrença na humanidade, quando o poeta ao negar, dizendo não saber qual teria sido o livro em que seus olhos leram, porém, afirma que “no húmus dos monturos”, ou seja, que os homens do futuro além de irracionais, vêm dos adubos compostos de restos de animais e plantas e eram oriundos dos monturos onde “Realizavam-se os partos mais obscuros” em que os recém-nascidos eram oriundos da classe pobre sem nenhuma condição social modesta. Mostrando-nos que a sociedade daquela época é totalmente repleta de inconformidades e de putrefação que remete a morte, ao grotesco, ao mais obscuro de uma sociedade.

Pode-se quase afirmar que os poetas franceses Rimbaud, Mallarmé e Baudelaire, são os maiores instauradores da poesia na modernidade, ambos criaram suas poesias no âmbito da negatividade. Sendo a estética de suas obras fundadas na estética do grotesco, do feio, do mal, e do caos. Se seguirmos a linha de pesquisas de vários escritores, entenderemos que não só os escritores citados acima têm suas escritas fundadas na escrita da negatividade, mas, que muitos dos escritores contemporâneos destes que um dia foram e sempre serão os modelos de poetas que exaltaram não somente o belo mas também o obscuro, o caótico, a violência, o medo, teremos poetas como o alagoano Lêdo Ivo, que segundo Silva (2015, p. 32), “é um escritor que se apropria da linguagem especializada, dando-lhe tons de negatividade, porque o negativo discute o medo, a violência, a insegurança social nos grandes centros urbanos”.

SONETO AO TEMPO

Por ser tempo, é que o tempo não me basta
 e se escoa, cantante, pelas margens
 da vida feita de água que o arrasta
 para o mal-entendido das viagens.
 E leva tudo em seu roldão, deixando
 perdido o tempo achado, como a fonte
 se perde no existir, e vai cantando
 entre as pedras e os bosques do horizonte.
 Quadrante do real, ó velho espelho
 dos dias, debruçado em ti, me vejo
 igual e diferente, moço e velho,
 sonho a que me assemelho no desejo.
 E o tempo, eternidade decaída,
 é meu contemporâneo, sendo a vida.
 (IVO, 2004, p. 326)

No soneto acima, vejamos que o eu-lírico se nega aceitar o tempo, pelo fato do tempo ser apenas o tempo, “Por ser tempo, é que o tempo não me basta”, e o poeta afirma que isso só não lhe basta, quer mais. Para o poeta o tempo é uma eternidade decaída, “E o tempo, eternidade decaída,” é o seu contemporâneo “é meu contemporâneo, sendo vida.” Nesse soneto ainda

podemos perceber que o poeta faz uma menção a água, como sendo ela a causadora do mal-entendido das viagens que o tempo faz e que essas vidas são feitas metaforicamente de água.

O que segundo Cirlot (1984, p. 64), “a água é o melhor elemento que aparece como transitório, entre o fogo e o ar de uma parte — etéreos – e a solidez da terra. Por analogia, mediadora entre a vida e a morte, na dupla corrente positiva e negativa, de criação e destruição”. No tocante a negatividade e situado a singularidade do poeta que fora e anos distantes do ambiente de sua estreia, Ivo, já não reconhece mais um pertencimento que se fez em clave de dúvida, na quimera do “eu” que ansiava torna-se.

A GERAÇÃO DE 45

Em 45
éramos uma legião.
Hoje sou, sozinho,
uma geração
e ao que antes fui
— se é que fui quando era
a minha quimera-
digo sempre não. (IVO, 2004, p. 606)

Lêdo Ivo já não se reconhece como pertencente à *Geração de 45*. Ele tem dúvidas se algum dia fez parte dessa geração. Mais uma vez reforça ser um poeta da solidão, como viajante solitário. Percebemos que o poeta recorre ao verbo “ser” conjugado no pretérito imperfeito do indicativo “éramos”, para dizer que não estava sozinho em 45, mais que “éramos uma legião”, e que hoje já não recorda se realmente em outrora fez parte de uma geração, reforça sua negação no último verso “digo sempre não”. Para Silva (2015, p. 37), “a forma negativa é, na verdade, a forma representativa escolhida pelo autor para a configuração do espaço”.

Como o fez o poeta contemporâneo Lêdo Ivo escrevendo poeticamente na negatividade também o fez Graciliano Ramos quando o narrador personagem do romance **Angústia** (1936), como se utilizasse da recusa Luís da Silva, não aceita sua condição de ser um pobre-diabo, enuncia as presentes negativas: “não sou um rato, não quero ser um rato”.

4.2. A Poesia Clama Pela Morte

A morte é um tema recorrente em toda obra literária de Lêdo Ivo, é como se o poeta buscasse por algo que não se encontra no plano terreno, mas sim no espiritual. E sendo essa busca uma busca incessante torna Ivo, um poeta caminhante que vive sempre num caminho solitário em busca do inevitável, do fim derradeiro, do encontro com a morte. No poema *A*

Irmã do sono, filha da noite, a morte é introdutória aos mundos desconhecidos do Inferno ou do Paraíso, o que revela sua ambivalência, como à terra, aproximando, de certa forma, os homens dos ritos de passagem. Afinal de contas *mors janua vitae* (a morte é porta da vida).

Assim, como a obra *Lediana*, outros poetas também exaltaram a morte em suas obras, em um culto de louvor, pois observavam na morte o tom da beleza e da certeza. Augusto dos Anjos em sua obra de tom fúnebre, com ar de pessimismo e frustração mostra que morrer é necessário, mas, mesmo morrendo ainda se deixa frutos, como nos diz Muniz (2006, p.166), “a morte é introdutória aos mundos desconhecidos”, observado também no soneto *Vozes da morte*, Augusto dos Anjos, citado anteriormente, quando o eu-lírico abusa do pessimismo num tom negro exaltado pela morte.

VOZES DA MORTE

Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da nervura,
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos vencidos!
E a podridão, meu velho! E essa futura
Ultrafatalidade de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!
E assim, para o Futuro, em diferentes
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vidas nos amamos,
Depois da morte, inda teremos filhos!

Na obra de Augusto dos Anjos, como também de Lêdo Ivo, é visível o desprezo pela vida e o apego à natureza, fazendo sempre uma comparação entre o homem e a natureza, recorrendo aos pronomes, Eu e Tu, para mostrar que ambos morrerão. “Tu com o envelhecimento da nervura,” “Eu com o envelhecimento dos tecidos!” vê-se o clamor da morte como sendo certa para ambos, homem e natureza. Ouvindo esse clamor da metáfora morte na poesia moderna é que muitos autores resolveram escrever suas obras em tons negros, obscuros como a noite, com espaços de melancolias, caóticos.

Na narrativa, Breno Accioly, já citado anteriormente, escritor alagoano também cultivava essa chama pelo caótico, o misterioso, a podridão, o medo, a escuridão:

Na cama do casal, marido e mulher dormiam abraçados, talvez estejam sonhando enquanto os vapores do veneno atravessam as frinchas das portas.

A escuridão do quarto não permite que se vejam as feições do dono nem da dona da casa (ACCIOLY, 1999, p. 581);

Cooper (2011, p. 276), também alagoano, mas contemporâneo de Lêdo Ivo, também explora em seus poemas tons melancólicos, sombrios cercados de obscuridade:

Quando olho minha sombra
 É como se me visse
 Pelo avesso
 Pois, sou escuridão
 (Da mais negra)
 (COOPER, 2011, p. 276)

Ou ainda, Arriete Vilela (2009), escritora alagoana, cujo exercício poético se mostra na imagem da Palavra simbólica em seus poemas.

POEMA 25

Como um sutil traço
 na retina dos olhos de rotina

 a Ilusão é invisível desvario
 duelo silencioso
 Insana persistência diária:

 fio de pólvora seca
 no rastro
 do improvável.
 (VILELA, 2009)

Na verdade, o que esses poetas têm em comum além de escreverem sobre o tema da morte é que todos são visionários de uma linguagem metafórica que conseguem fazer um paralelo simbólico entre a vida e a morte, onde é possível perceber que mesmo na obscuridade da palavra, é possível mostrar o espaço caótico dos centros urbanos com suas desfigurações, desigualdades, podridões, espaços urbanizados que constataam no grotesco a derrocada de uma sociedade mascarada na igualdade dos seres humanos, onde varrem para debaixo do tapete toda podridão que exala seu odor no ar.

Com essa necessidade que o poeta moderno tem de mostrar o caos, é que muitos os fazem da experiência do seu isolamento, do Eu íntimo, como poetas que se consideram poetas solitários e caminhantes no caminho da busca incansável pelo fim inevitável, de modo a clamarem pela presença da morte. Segundo Damatta (1997, p. 133), “a morte é um problema filosófico e existencial moderno”. E assim sendo, o homem opta por se isolar e experimentar da solidão e do abandono à própria sorte, deixando de lado o desejo da promessa da vida eterna.

No poema de Cooper, intitulado *Poema quatro*, é visível essa solidão, esse vazio de abandono à própria sorte, lê-se:

POEMA QUATRO

Rio sem nascente
Sem nascente e nenhum afluente
Rio diferente
que não corre para o mar

Assim me foi a vida
Não parecida com a de toda gente
Feita só para mim
Sob medida
(COOPER, 2010, p. 189)

Consequentemente, podemos entender que a ficção tem explorado incansavelmente o tema da morte, por meio da expressividade literária. E no caminho dessa incansável exploração se encontra o poeta Ivo, com seus inúmeros poemas e diversas obras que caminham rumo aos cemitérios num encontro com as sepulturas que representam a morada eterna.

A DESAVENÇA

A mim mesmo faço guerra.
De mim estou desavindo.
Luto comigo na treva
e desse combate infindo
nem vencido ou vencedor
jamais surge à luz do dia.
Sou meu próprio contendor.
Quem a mim derrotaria?
Qual a razão da contenda
entre os dois lados de mim?
Na escuridão sigo a senda
que leva o meu não ao sim
e deste sim faz um não.
Ó desconcerto do mundo!
Encoberto coração!
Na terra que é mar profundo
nas águas que são de pedra
divergido eu me combato.
Minha guerra nasce e medra
na vida com que me mato
na morte em que sou matado.
No chão caio triunfante.
Ao vencer sou derrotado.
Me derrubo e me levanto.
E assim vivo e assim morro
concertado em colisão
e de mim não me socorro.
E se de mim não me fio

no incessante desvario
a mim mesmo dou razão.
(IVO, 1990, p. 37)

Nesse poema de Lêdo Ivo, é visível a dualidade que existe entre o eu-lírico e ele mesmo, uma luta com jogo metafórico de oposições de palavras se opondo umas às outras, pois, o poeta afirma que “a mim mesmo faço guerra.” E diz que está lutando no escuro: “Luto comigo na treva”, e que nesse combate jamais se verá a luz do dia, pois é ele mesmo seu carrasco, mostra isso no verso que diz: “Sou meu próprio contendor.” E mais adiante se interroga perguntando quem conseguiria derrotar ele mesmo, se o eu-lírico está em uma constante batalha com ele próprio e que ainda afirma estar na escuridão, “Na escuridão sigo a senda” / “que leva o meu não ao sim” / “e desse sim faz um não”. O poeta diz que o mundo está desconcertado, “Ó desconcerto do mundo!”.

O eu-lírico faz um jogo metafórico entre as palavras vida e morte: “na vida com que me mato” / “na morte em que sou matado.” E faz um jogo de oposição “Ao vencer sou derrotado.” / “Me derrubo e me levanto.” / “E assim vivo e assim morro”, percebesse que mesmo o eu-lírico travando uma luta consigo mesmo, ainda consegue fazer isto para brincar com as palavras e que mesmo o poeta não seguindo uma estrutura fixa consegue enaltecer a beleza da morte e da solidão com que o poeta luta. Em outro momento Ivo, cria um soneto intitulado “O soneto da morte”, onde podemos perceber o clamor do eu-lírico pela presença da morte.

O SONETO DA MORTE

Levado para longe pelo impulso
da vida, vi-me frente à rosa breve
da morte que cantava no meu pulso
qual se, morto, me fosse a terra leve.
Nenhum tremor senti ao vê-la olhar-me
como o sol para o sol do diamante,
amei-a por mim apenas um instante.
Oh rosa negra e branca, desejei
que, sendo morte, fosse como a vida
que, embora passageira, segue a lei
do eterno, e como o eterno é consumida.
Vem, morte que em mim brilha, e sê a estrela
de cinco pontas que em meu céu cintila.

(IVO, 2004, p. 329)

Assim, percebemos, no poema citado acima, que o poeta alagoano usa dois temas-semas, quais sejam, morte e estrela, para que o clamor que o poeta tanto faz com tamanha veemência se faça ouvir no céu que cintila. O eu-lírico compara a morte como sendo uma rosa negra e branca. Negra como a noite que dá possibilidades aos acontecimentos e branca que

remete a luz do dia, espaço onde se vê tudo com clareza. Notamos, por fim, que o poeta cultua a morte como sendo bela ao tempo que é solitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lêdo Ivo, em sua expressão narrativa, poética e original embebida das fontes de Rimbaud e Baudelaire, consegue proporcionar aos leitores, aqueles que não apenas leem, mas também questionam e investigam uma parte da arte literária, a beleza e absolutamente enigmática do poder da poesia. Uma arte que deve ser entendida à luz do excesso, que nos afirma que as literaturas devem não apenas apresentar, mas representar espaços grotescos, obscuros do acesso ao caos, a violência e a morte, espaços que cultuam culturas cruéis e que também são espaços de nós mesmos. Estas relações culturais nos possibilitam questionar sobre ações dos seres humanos cometidas em sociedade, ações estas que perpetuam a gerações, nas quais o ódio, o preconceito, o medo, a desigualdade, a violência muitas vezes findam no acontecimento da morte.

Dessa maneira, estudar os poemas Lediano é uma ação agitada, de caminhos sinuosos e solitários que desdobram nos mistérios da noite como lugar de possibilidades, espaço de acontecimentos sombrios e do encontro dos amantes, espaço de enigmas e da busca pelo encontro com a morte, pois quando iniciamos os estudos na obra Lediana, nos surgem um leque de temáticas e de temas-semas (morte, noite, bichos, estrelas, nuvens...) dos quais os mais recorrentes são a morte e a noite, sendo “a morte um tema recorrente o qual funciona como núcleo semântico que se instaura no texto através do próprio substantivo”, como afirma Nóbrega (2011, p. 101).

Diante disso, delimitamos um percurso teórico-crítico, o qual perpassa pelos caminhos do eu-lírico clamando pela morte, no livro **Curral de peixe**, de Lêdo Ivo (2004), em que versamos sobre a poesia moderna, *Geração de 45*, os modernos de 22 e o encurralamento da morte. Dessa forma, os poetas e filósofos escrevendo em diferentes gêneros literários e que citamos para dialogar com Lêdo Ivo têm o signo da morte presente em suas escritas. Não foram escolhas aleatórias, foram escolhas instigadas pela conversação do embate cultural entre textos de tempos literários diferentes, confirmando que a temática da negatividade e da morte é atemporal.

Do mesmo modo, a categoria de análise literária morte comprova-se como sendo importante nas narrativas poéticas, como podemos perceber no decorrer desta monografia, pois ela é um tema central que dialoga com outros tempos e décadas, conversando diretamente com todos os espaços possíveis e geográficos literários da literatura contemporânea presentes no mundo, vividas e revividas pela ficção e pela realidade.

Consequentemente em **Curral de peixe** se acentua mais forte a problemática da obra Lediania que se instaura sobre o signo da morte que versa com a solidão do poeta que está sempre caminhando em um bosque, sendo a obra plurissignificativa, podendo apontar em várias direções, versando este livro sobre as metáforas da noite e do dia, onde o poeta ao escolher a escrita livre e carregada de uma representatividade na qual a carga de negatividade está configurando o espaço. E é escrevendo poeticamente na negatividade e no espaço da tradição literária que cultua a morte que Ivo, tem uma poesia de escrita solitária, polifônica e vasta que clama pela morte.

Este trabalho merece uma apreciação num futuro próximo, uma ampliação equivalente por amadurecimentos teóricos e pensamentos críticos, pois a escrita é um devir inacabado e sempre devia ser refeita, como acredita Deleuze (1997).

Assim, conscientes de que a morte é imensa, incontrolável e enigmática, a arte de Lêdo Ivo também é, e todos deveriam entender do excesso, do enigmático e pelo viés da metáfora da noite e do dia, a importância de suas narrativas para as literaturas e para nossa contemporaneidade em vida, onde caminhamos por caminhos solitários que oferecem, despertam e influenciam os melhores propósitos e aprendizados para nos tornarmos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

- ACCIOLY, Breno. **Breno Accioly**: obras reunidas. São Paulo: Escrituras Editora, 1999.
- ÂNGELO, Ivan. **A festa**. 2. Ed. São Paulo: Vertente. 1976.
- ANJOS, A. **Eu e outras poesias**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Mãos dadas. **Antologia Poética**. 46. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.118
- BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Tradução Daniel frespot. São Paulo: Martin Clart, 2002.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**: O pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- BAUDELAIRE, Charles. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana L. de Lima Reis, Gláucia R. Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**: Seguidores de novos ensaios críticos. Tradução Mario Laranjeira. 3. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1989
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/35269101/Alfredo-Bosi-O-Ser-e-o-tempo-Da-Poesia-rev>. Acesso em: 17 de abril de 2017 às 20 h.
- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _____. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- BLANCHOT, M. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In.: **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140 – 162.
- CIRLOT, J. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984.
- COOPER, Jorge. **Poesia completa**. 2. ed. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos; Cepal, 2010.
- COSTA, Édison José da. A geração de 45. **Revista Letras**, Curitiba, n.49, p. 53 – 60. Editora da UFPR, 1998. Disponível em: www.revistas.ufpr.br/letras/article/view/18988/12302. Acesso em: 10 de novembro de 2021 às 10h50.
- DAMATTA, Roberto. Morte. In: **A casa e a rua**. 5. ed. Rio de Janeiro: ROCCO. 1997.
- DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In.: _____. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 11 – 16. (Coleção TRANS).
- ELIOT, T. S. **Ensaio**. São Paulo: Art. Editora, 1989.

- IVO, Lêdo. **Crepúsculo civil**. – Rio de Janeiro: Record, 1990.
- _____. **Modernismo e modernidade**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1972.
- _____. **Réquiem**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- _____. **Poesia completa** (1940-2004). Maceió: Topbooks, 2004.
- KRISTEVA, Julia. Poesia e negatividade. In: **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 165-196.
- LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. 2. Ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.47.
- LOBO, L. **Teorias poéticas do romantismo**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1987.
- MANO, Carla da Silveira. A tradição da Negatividade na moderna lírica brasileira. **Revista PUC – Faculdade de Letras**. Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Jul. de 2006.
- MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. ISBN 978-85-390-0119-4 [Recurso digital]
- MUNIZ, Paulo Henrique. **O estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais**. Rev. Varia Scientia. v.06, n.12, dez. 2006, p.159-169.
- NÓBREGA, Luiza. **Quero ser o que passa: A poesia de Lêdo Ivo**. Rio de Janeiro: Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2011, 400p.
- PAZ, Octávio. A tradição da ruptura. In: _____: **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 15-35.
- RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.
- RIMBAUD, Arthur. O poeta vidente. In: Gomes, Álvaro Cardoso. **A Estética simbolista**. São Paulo: Cultrix, 1985. p. 47-51.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SALDANHA, Wladimir. A modernidade sem Modernismo: rupturas e descentramentos na produção ensaística de Lêdo Ivo. **XII Congresso Internacional da ABRALIC**. UFPR, Curitiba, 18 a 22 de julho de 2011.
- SILVA, Márcio Ferreira da. **A geografia literária de Lêdo Ivo**. Maceió: EDUFAL, 2015. 182 p.
- STEFFEN, Ana Cristina. A lírica moderna no Brasil através de quatro poemas de Maria Carpi. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n: 58, outubro. P. 163-176.
- VILELA, Arriete. **Obra poética reunida**. Maceió: Poligraf, 2010.